

KATHERINE APPLEGATE

Crenshaw

A FOME DA IMAGINAÇÃO

Da mesma
autora de
O GRANDE IVAN
crônicas
Best-seller do
NEW YORK
TIMES



PLATA
FORMA 31



Crenshaw

TÍTULO ORIGINAL *Crenshaw* © 2015 Katherine Applegate. Todos os direitos reservados.
Publicado mediante acordo com a Rights People Agency.
© 2016 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago EDITORA-ASSISTENTE Natália Chagas Máximo PREPARAÇÃO Cristina Yamazaki REVISÃO Vanessa Gonçalves DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt DIAGRAMAÇÃO Marcel Votre CAPA Rich Deas e Liz Dresner ILUSTRAÇÃO DE CAPA © 2015 Erwin Madrid
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Applegate, Katherine

Crenshaw : a fome da imaginação [livro eletrônico] / Katherine Applegate ; tradução Isadora Prospero. --
São Paulo : Plataforma21, 2016.

2 MB: epub

Título original: Crenshaw

ISBN 978-85-92783-01-3

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Título.

16-04924 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à **VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.**

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

vreditoras.com.br | editoras@vreditoras.com.br

Para Jake

DR. SANDERSON: Pense com carinho, Dowd. Você alguma vez já conheceu alguém ou algum lugar chamado Harvey? Você nunca conheceu alguém com esse nome?

ELWOOD P. DOWD: Não, não, nem um sequer, Doutor. Talvez seja por essa razão que sempre esperei que isso acontecesse.
Harvey, de Mary Chase

parte um

“Uma porta é para abrir.”

Um buraco é para cavar: Primeiro livro de primeiras definições, escrito por
Ruth Krauss e ilustrado por Maurice Sendak

1

Eu notei várias coisas estranhas sobre o gato surfista.

Número 1: ele era um gato surfista.

Número 2: ele estava usando uma camiseta. A estampa dizia GATOS SÃO O MÁXIMO, CACHORROS BABAM.

Número 3: ele segurava um guarda-chuva fechado, como se estivesse preocupado em não se molhar. Se a gente pensar bem, meio que *não é esse* o principal objetivo quando se está surfando.

Número 4: mais ninguém na praia parecia ver o gato.

Ele tinha pegado uma onda legal, e sua descida foi suave. Mas, quando se aproximou da praia, cometeu o erro de abrir o guarda-chuva. Uma rajada de vento o puxou para cima. Por segundos não acertou uma gaivota.

Nem a gaivota pareceu notá-lo.

O gato flutuou sobre mim como um balão peludo. Eu olhei para cima. Ele olhou para baixo. Acenou para mim.

Seu pelo era preto e branco, como o de um pinguim. Parecia que estava indo para algum lugar chique vestido com um smoking peludo.

Ele também parecia muito familiar.

– Crenshaw – sussurrei.

Olhei ao redor. Vi construtores de castelos de areia e jogadores de *frisbee* e perseguidores de caranguejos. Mas não vi ninguém observando o gato surfista flutuante que segurava um guarda-chuva.

Apertei bem os olhos e contei até dez. Lentamente.

Dez segundos pareciam ser suficientes para eu deixar de ser louco.

Fiquei um pouco atordoado. Mas isso acontece às vezes quando estou com fome. Eu não comia desde o café da manhã.

Quando abri os olhos, suspirei de alívio. O gato tinha sumido. O céu estava infinito e vazio.

PLAFT! A centímetros dos meus dedos do pé, o guarda-chuva pousou na areia como um dardo gigante.

Era de plástico, vermelho e amarelo, decorado com imagens de ratinhos

sorridentes. No cabo, estava escrito com giz de cera: ESTE CHAPÉU DE SOL PERTENCE A CRENSHAW.

Fechei os olhos de novo. Contei até dez. Abri os olhos, e o guarda-chuva – ou chapéu de sol, ou o que quer que fosse – tinha desaparecido. Assim como o gato.

Era fim de junho, fazia calor e estava gostoso, mas eu tremi.

Eu me sentia daquele jeito que a gente se sente antes de pular na parte funda da piscina.

Estamos a caminho de algum lugar. Ainda não chegamos lá. Mas sabemos que não há volta.

2

O negócio é o seguinte: eu não sou o tipo de cara que tem amigos imaginários.

Sério. Neste semestre começo o quinto ano. Na minha idade, não é bom ter fama de louco.

Eu gosto de fatos. Sempre gostei. Coisas verdadeiras. Fatos como dois-mais-dois-igual-a-quatro. Fatos como espi-nafre-tem-gosto-de-meias-de-ginástica-sujas.

Tá bom, talvez esse último seja só uma opinião. E eu nunca comi uma meia de ginástica suja, então posso estar errado.

Fatos são importantes para cientistas, que é o que eu quero ser quando crescer. Fatos da natureza são meu tipo preferido. Especialmente aqueles que fazem as pessoas dizerem: “Não creio!”.

Como o fato de que um guepardo consegue correr 112 quilômetros por hora.

Ou o fato de que uma barata sem cabeça pode sobreviver por mais de duas semanas.

Ou o fato de que um lagarto-de-chifre atira sangue pelos olhos quando fica bravo.

Eu quero ser um cientista de animais. Não sei de que espécie ainda. No momento, estou bem interessado em morcegos. Também gosto de guepardos e gatos e cachorros e cobras e ratos e peixes-boi. Então essas são algumas opções.

Também gosto de dinossauros, só que eles estão todos mortos. Por um tempo, minha amiga Marisol e eu queríamos ser paleontologistas e procurar fósseis de dinossauro. Para praticar, ela costumava enterrar numa caixa de areia os ossos de galinha que sobravam do jantar.

Marisol e eu criamos um serviço de passeio de cães esse verão. Chamamos de Caminhada Quatro Patas. Algumas vezes, enquanto passeamos com os cães, contamos fatos da natureza um para o outro. Ontem ela me contou que um morcego pode comer 1200 mosquitos em uma hora.

Fatos são muito melhores que histórias. Você não pode ver uma história. Não pode segurá-la e medi-la.

Também não pode segurar um peixe-boi. Mesmo assim. Histórias são mentiras,

no fim das contas. E eu não gosto que mintam para mim.

Nunca gostei muito dessa coisa de faz de conta. Quando era criança, não me vestia como o Batman nem falava com bichinhos de pelúcia nem me preocupava com monstros embaixo da cama.

Meus pais dizem que, quando eu estava no jardim de infância, contei pra todo mundo que eu era o prefeito da Terra. Mas isso só aconteceu nos primeiros dois dias.

Claro, eu tive minha fase Crenshaw. Mas várias crianças têm amigos imaginários.

Uma vez meus pais me levaram para ver o Coelho da Páscoa no shopping. Estávamos de pé em cima da grama de mentira ao lado de um ovo gigante de mentira dentro de uma cesta gigante de mentira. Quando chegou a minha vez de posar com o coelho, eu olhei para a pata dele e a arranquei.

Dentro havia a mão de um homem. Tinha uma aliança de casamento dourada e tufos de pelos louros.

– Esse homem não é um coelho! – eu gritei.

Uma garotinha começou a chorar.

O gerente expulsou a gente de lá. Eu não ganhei a cesta de graça com ovos de chocolate nem uma foto com o coelho de mentira.

Foi a primeira vez que percebi que as pessoas nem sempre gostam de ouvir a verdade.

3

Depois do incidente com o Coelhoinho da Páscoa, meus pais começaram a se preocupar.

Exceto pelos meus dois dias como prefeito da Terra, eu não parecia ter muita imaginação. Eles achavam que eu era adulto demais. Sério demais.

Meu pai se perguntou se devia ter lido mais contos de fada para mim.

Minha mãe se perguntou se devia ter me deixado ver tantos documentários em que os animais comiam uns aos outros.

Eles pediram ajuda para minha avó. Queriam saber se eu não era adulto demais para um garoto da minha idade.

Ela disse para eles não se preocuparem.

Por mais que eu parecesse adulto agora, ela explicou para eles, definitivamente superaria aquilo tudo quando virasse adolescente.

4

Algumas horas depois de ver Crenshaw na praia, ele apareceu de novo.

Sem prancha de surfe dessa vez. E sem guarda-chuva.

Sem corpo também.

Mesmo assim, eu sabia que ele estava lá.

Eram umas seis da tarde. Minha irmã Robin e eu estávamos brincando de cerealbol na sala do nosso apartamento. Cerealbol é um bom truque para quando você está com fome e não tem nada pra comer até a manhã seguinte. Inventamos um dia em que nossos estômagos estavam resmungando um para o outro. “Uau, eu adoraria uma fatia de pizza de pepperoni”, meu estômago tinha rosnado. E o dela resmungou, “É, ou talvez uma torradinha com manteiga de amendoim”.

Robin adora torradinhas.

Cerealbol é fácil de jogar. Só precisa de alguns Sucrilhos ou até mesmo vários pedacinhos de pão. M&M’s servem também, se sua mãe não estiver por perto para te proibir de comer doces. E, a não ser que seja logo depois do Halloween, você provavelmente não terá nenhum.

Na minha família, essas coisas somem depressa.

Primeiro tem que escolher um alvo para atingir. Pode ser uma tigela ou uma xícara. Não use uma lixeira porque ela pode ter germes. Às vezes eu uso o boné de beisebol da Robin. Mas isso é meio nojento também.

Para uma garota de cinco anos, ela sua como um homem adulto.

O jogo funciona assim: você joga seu cereal e tenta fazer a cesta. A regra é que não pode comer esse cereal até acertar. Coloque o alvo bem longe, senão a comida acaba rápido demais.

O truque é que você demora tanto para atingir o alvo que esquece que está com fome. Por um tempo, pelo menos.

Eu gosto de usar Cheerios e Robin gosta de Sucrilhos. Mas você não pode ser muito chatinho pra comer quando o a despensa está vazia. Minha mãe diz isso às vezes.

Se acabou o cereal e seu estômago ainda está roncando, você sempre pode tentar mastigar chiclete pra se distrair. Atrás da orelha é um bom lugar pra

esconder o chiclete se quiser usá-lo de novo. Mesmo que não tiver mais sabor, seus dentes se exercitam.

Crenshaw apareceu – pelo menos *pareceu* que sim – enquanto estávamos tentando jogar os flocos de trigo integrais do meu pai no boné da Robin. Era minha vez de jogar, e consegui acertar de primeira. Quando fui pegar meu floco de trigo, encontrei quatro jujubas roxas no lugar deles.

Eu adoro jujubas roxas.

Encarei aquelas coisas por um longo tempo.

– De onde vieram as jujubas? – perguntei enfim.

Robin agarrou o boné. Comecei a puxá-lo de volta, mas mudei de ideia. Robin é baixinha, mas é melhor não querer brigar com ela.

Ela morde.

– É magia! – ela disse. E começou a dividir as jujubas. – Uma pra mim, uma pra você, duas pra mim...

– Sério, Robin, deixa de brincadeira. De onde vieram?

Ela engoliu duas jujubas.

– Pa de mentich – ela insistiu, o que imaginei significar “Para de mentir” com a boca cheia de doce.

Aretha, nossa cadela labradora, veio correndo investigar.

– Você não ganha doce – Robin falou. – Você é cachorro, então come comida de cachorro, mocinha!

Mas Aretha nem parecia interessada nas jujubas. Ela estava farejando algo no ar, as orelhas viradas para a porta da frente, como se alguém estivesse se aproximando.

– Mãe – gritei –, você comprou jujubas?

– Claro – ela gritou da cozinha. – Pra comer com o caviar.

– Tô falando sério – eu disse, apanhando duas jujubas.

– Só coma o cereal do papai, Jackson. Você vai ter diarreia por uma semana – ela respondeu.

Um segundo depois, ela apareceu na porta, com um pano de prato nas mãos.

– Ainda estão com fome? – Ela suspirou. – Sobrou um pouco de macarrão com queijo do jantar. E tem meia maçã que vocês podem dividir.

– Não precisa – respondi rápido.

Antigamente, quando sempre tinha comida em casa, eu reclamava se minhas coisas preferidas acabavam. Mas nos últimos tempos tudo estava acabando, e eu suspeitava que meus pais se sentiam mal por causa disso.

– Temos jujubas, mamãe – disse Robin.

– Bem, OK, então. Contanto que comam algo nutritivo – minha mãe concordou.
– Vou receber meu salário na farmácia amanhã, e passo no mercado pra comprar comida depois do trabalho.

Ela acenou com a cabeça, como se tivesse ticado uma tarefa em uma lista, e voltou pra cozinha.

– Você vai comer suas jujubas? – Robin me perguntou, enrolando seu rabo de cavalo loiro no dedo. – Porque posso te fazer um favorzão e comer elas pra você.

– Eu vou comer – eu disse. – Só não... agora.

– Por que não? São as roxas. Suas preferidas.

– Preciso pensar sobre elas primeiro.

– Você é um irmão estranho – Robin falou. – Vou para o meu quarto. A Aretha quer brincar de fantasia.

– Duvido – eu retruquei. Coloquei uma jujuba contra a luz. Parecia inofensiva.

– Ela gosta especialmente dos chapéus e das meias – Robin disse enquanto se afastava com o cachorro. – Não é, bebê?

Aretha abanou o rabo. Ela sempre topava qualquer coisa. Mas, enquanto saía com Robin, olhou por cima do ombro para a janela da frente e ganiu.

Fui até a janela e olhei para fora. Olhei atrás do sofá. Abri a porta dos armários.

Nada. Ninguém.

Nenhum gato surfista. Nada de Crenshaw.

Eu não tinha contado a ninguém o que tinha visto na praia. Robin pensaria que eu estava tirando sarro dela. Meus pais, das duas uma: ou surtariam e também pensariam que estou enlouquecendo, ou achariam fofo que estivesse fingindo brincar com meu antigo amigo invisível.

Cheirei as jujubas. Elas quase tinham cheiro de uva, mas de um jeito bom. Tinham cara de jujubas. Tinham peso de jujubas. E minha irmãzinha tinha acabado de comer algumas.

A primeira regra dos cientistas é: sempre há uma explicação lógica para as coisas. Eu só tinha que descobrir qual era.

Talvez as jujubas não fossem reais, e eu só estivesse cansado ou doente. Delirando, até.

Pus a mão na testa. Infelizmente, eu não parecia estar com febre.

Talvez tivesse pegado uma insolação na praia. Eu não tinha certeza do que era insolação, mas parecia algo que podia fazer você ver gatos voadores e jujubas mágicas.

Talvez eu estivesse dormindo, preso em um sonho longo, estranho e bem

irritante.

Mesmo assim. As jujubas na minha mão não pareciam extremamente reais?

Talvez eu só estivesse com fome. A fome pode fazer a gente se sentir bem estranho. Até meio louco.

Comi minha primeira jujuba devagar e com cuidado. Se a gente dá mordidas pequenas, a comida dura mais.

Uma voz em minha cabeça disse: “Nunca aceite doces de estranhos”. Mas Robin tinha sobrevivido. E se havia algum estranho envolvido, ele era invisível.

Devia existir uma explicação lógica. Mas, por enquanto, a única coisa que eu sabia com certeza era que as jujubas roxas eram muito mais gostosas que flocos de trigo integrais.

5

A primeira vez que vi Crenshaw foi há cerca de três anos, logo que o primeiro ano terminou.

Era de tardezinha, e minha família e eu estacionamos numa parada de descanso à beira da estrada. Eu estava deitado na grama perto de uma mesa de piquenique, olhando para as estrelas que começavam a aparecer no céu.

Então ouvi um barulho, o som de rodas de skate sobre cascalho. Me apoiei nos cotovelos. E lá estava ele, um skatista sobre o seu skate, ziguezagueando pelo estacionamento.

Logo vi que era um cara diferente.

Era um gato preto e branco. Um gato grande, mais alto que eu. Seus olhos eram da cor brilhante da grama pela manhã. Ele estava usando um boné de beisebol preto e laranja do San Francisco Giants.

Ele pulou do skate e veio na minha direção. Estava andando sobre duas pernas, como um humano.

– Miau – ele disse.

– Miau – eu respondi, porque pareceu educado.

Ele se aproximou e cheirou meu cabelo.

– Você tem jujubas roxas?

Eu pulei de pé. Era o dia de sorte dele. Por acaso, eu tinha duas jujubas roxas no bolso da calça.

Estavam um pouco amassadas, mas cada um comeu uma mesmo assim.

Eu contei ao gato que meu nome era Jackson.

Ele disse sim, é claro que é.

Perguntei qual era o nome dele.

Ele perguntou qual eu queria que fosse o nome dele.

Era uma pergunta surpreendente. Mas eu já tinha percebido que ele era um cara surpreendente.

Pensei por um tempo. Era uma decisão importante. As pessoas se importam

muito com nomes.

Por fim, fiz o seguinte comentário: – Acho que Crenshaw seria um bom nome para um gato.

Ele não sorriu, porque gatos não sorriem.

Mas pude sentir que ele ficou satisfeito.

– Então meu nome é Crenshaw – ele disse.

6

Não sei de onde tirei o nome Crenshaw.

Ninguém na minha família jamais conheceu um Crenshaw.

Não temos nenhum parente chamado Crenshaw, nem amigos Crenshaw, nem professores Crenshaw.

Nunca estive em Crenshaw, Mississippi, ou Crenshaw, Pensilvânia, nem na avenida Crenshaw em Los Angeles.

Nunca li um livro sobre um Crenshaw, nem vi nenhuma série de TV com um Crenshaw.

Mas por algum motivo Crenshaw pareceu o nome certo.

Todo mundo na minha família recebeu seu nome em homenagem a alguém ou a alguma coisa. Meu pai recebeu o nome do avô dele. Minha mãe recebeu o nome da tia dela. Minha irmã e eu não recebemos nomes de pessoas. Recebemos nomes de violões.

Eu recebi o nome do violão do meu pai. Ele foi feito por um fabricante chamado Jackson. Minha irmã recebeu o nome do fabricante do violão da minha mãe.

Meus pais eram músicos. “Músicos famintos”, é o que diz minha mãe. Depois que eu nasci eles pararam de ser músicos e se tornaram pessoas normais. Como não tinham mais instrumentos, meus pais deram o nome de uma cantora famosa, Aretha Franklin, à nossa cachorra. Isso foi depois que Robin sugeriu chamá-la de Princesa das Fadas Gracinha e eu sugeri chamá-la de Cachorra.

Pelo menos nosso segundo nome veio de pessoas e não de instrumentos. Orson e Marybelle eram o tio do meu pai e a bisavó da minha mãe. Eles já estão mortos, então não sei se são nomes bons ou não.

Meu pai diz que o tio dele era genioso, mas charmoso, o que acho que quer dizer rabugento com um pouco de gentileza no meio.

Sinceramente, outro segundo nome poderia ter sido melhor. Um novinho em folha. Um que já não tivesse sido usado.

Talvez por isso eu tenha gostado do nome Crenshaw. Parecia uma folha de papel em branco antes de você desenhar nela.

Era um nome do tipo tudo-é-possível.

7

Não lembro exatamente o que pensei sobre Crenshaw no dia em que a gente se conheceu.

Foi há muito tempo.

Não me lembro de várias coisas que aconteceram quando eu era mais novo.

Não lembro de ter nascido. Ou de quando aprendi a andar. Ou de ter usado fraldas. O que não deve ser algo de que se queira lembrar, para falar a verdade.

A memória é uma coisa estranha. Lembro de ter me perdido no mercado quando tinha quatro anos. Mas não me lembro de ter sido encontrado pelos meus pais, que estavam gritando e chorando ao mesmo tempo. Só sei dessa parte porque eles me contaram.

Me lembro de quando minha irmãzinha veio para casa pela primeira vez. Mas não me lembro de tentar colocá-la em uma caixa para enviá-la de volta ao hospital.

Meus pais gostam de contar essa história para as pessoas.

Nem sei por que Crenshaw era um gato, e não um cachorro ou um jacaré ou um Tiranossauro Rex com três cabeças.

Quando tento me lembrar da minha vida inteira, parece um projeto que tem algumas peças faltando, como um robô de brinquedo ou um caminhão de Lego. A gente faz o melhor que pode para montar as coisas, mas sabe que não é exatamente como a foto na caixa.

Eu deveria ter pensado: “Uau, um gato está falando comigo, não é todo dia que isso acontece numa parada de descanso na estrada”.

Mas só me lembro de pensar como era legal ter um amigo que gostava de jujubas roxas tanto quanto eu.

8

Algumas horas depois da aparição misteriosa das jujubas durante o cerealbol, minha mãe deu uma sacola de compras para mim e para minha irmã. Ela disse que era para as nossas recordações. Um monte de coisas nossas iam para uma venda de garagem no domingo, menos coisas importantes, como sapatos e colchões e alguns pratos. Meus pais estavam esperando conseguir dinheiro suficiente para pagar uns alugueis vencidos e talvez a conta de água também.

Robin perguntou o que é uma recordação. Minha mãe falou que é um objeto que você guarda com carinho. Então ela disse que as coisas não importam, contanto que a gente tenha um ao outro.

Eu perguntei quais eram as recordações dela e do meu pai. Ela disse que provavelmente os violões estariam no topo da lista, e talvez livros, porque eles eram sempre importantes.

Robin disse que com certeza pegaria seu livro do Lyle.

O livro preferido de todos os tempos da minha irmã é *A casa na rua 88*. É sobre um crocodilo chamado Lyle que mora com a família. Lyle gosta de ficar na banheira e de passear com o cachorro.

Robin sabe de cor cada palavra desse livro.

Mais tarde, na hora de dormir, meu pai leu o livro do Lyle para Robin. Eu fiquei parado na porta do quarto dela e ouvi. Ele e minha mãe e Robin e Aretha estavam todos apertados no colchão dela. O colchão estava no chão. As partes de madeira da cama seriam vendidas.

– Vem sentar com a gente, Jackson – disse minha mãe. – Tem espaço de sobra.

Meu pai é alto e minha mãe também e o colchão de Robin é minúsculo. Então não tinha espaço nenhum.

– Tô bem aqui – eu respondi.

Olhando minha família, todos eles juntos, me senti como um parente de outra cidade. Como se eu pertencesse a eles, mas não tanto quanto eles pertenciam uns aos outros. Parte disso era porque eles são tão parecidos: loiros, de olhos cinza, e

alegres. Meu cabelo e olhos são escuros, e às vezes meu temperamento também.

Sem os móveis, não parecia mais o quarto da Robin. Exceto pelo abajur rosa dela. E pelas marcas na parede que mostravam como ela tinha crescido. E pela mancha vermelha no tapete onde ela tinha derrubado suco de cranberry com maçã. Ela estava treinando com seu taco de beisebol e empolgou-se um pouco a mais.

– “Chuí, chuó, chuchu...” – leu meu pai.

– Não chuchu, papai – Robin disse.

– Chuva? Chá? Xampu?

– Deixa de ser bobo – ela falou. E o cutucou no peito. – É “chuá! Chuá”!, eu disse!

Eu falei que achava que um crocodilo não gostaria de tomar banho de banheira. Tinha acabado de ler um livro inteiro da biblioteca sobre répteis.

Meu pai fez um sinal para que eu não levasse assim tão a sério.

– Você sabia que pode manter a mandíbula de um crocodilo fechada com um elástico? – perguntei.

Meu pai sorriu.

– Não gostaria de ser a primeira pessoa a testar essa teoria.

Robin perguntou à minha mãe se eu tinha um livro preferido quando era pequeno. Ela não perguntou diretamente para mim porque estava emburrada por causa do meu comentário sobre a banheira.

Minha mãe respondeu:

– Jackson gostava muito de *Um buraco é para cavar*. Lembra desse livro, Jackson? A gente deve ter lido pra você um milhão de vezes.

– É mais um dicionário que uma história inventada – eu falei.

– “Um irmão é para te ajudar” – minha mãe recitou. Era uma frase do livro.

– Um irmão é para te atazanar – disse Robin. *Não era* uma frase do livro.

– Uma irmã é para te deixar louco lentamente – respondi.

O sol estava começando a se pôr. O céu parecia um tigre, com listras de nuvens pretas.

– Tenho que separar minhas coisas para a venda – eu comentei.

– Ei, fique com a gente, cara – insistiu meu pai. – Vou ler *Um buraco é para cavar*. Se a gente conseguir encontrar, claro.

– Estou velho demais para esse livro – eu disse, embora tenha sido a primeira coisa que eu pus na minha sacola de recordações.

– Lyle outra vez – pediu Robin. – Porfavorporfavor-porfavorporfavor.

– Pai – perguntei –, você comprou jujubas roxas?

– Não.

– Então de onde elas vieram? As que estavam no boné da Robin? Não faz sentido.

– A Robin foi na festa de aniversário da Kylie ontem – minha mãe falou. – Você pegou as jujubas lá, querida?

– Não – Robin respondeu. – A Kylie odeia jujubas. E eu já disse pra você que elas são mágicas, Jackson.

– Magia não existe – retruquei.

– Música é magia – disse minha mãe.

– Amor é magia – disse meu pai.

– Coelhos na cartola são magia – disse Robin.

– Colocaria donuts na categoria magia – disse meu pai.

– E o cheiro de um bebê? – perguntou minha mãe.

– Gatinhos são magia! – gritou Robin.

– Também – meu pai concordou, coçando as orelhas de Aretha. – E não se esqueça dos cachorros.

Eles ainda estavam fazendo a lista quando eu fechei a porta.

9

Eu amo minha mãe e meu pai e, na maior parte do tempo, minha irmã. Mas nos últimos tempos eles vinham me irritando.

Robin era criança, então era óbvio que era irritante. Ela dizia coisas como “E se um cachorro e um pássaro se casassem, Jackson?”. Ou cantava: “Motorista, motorista, olha o poste...”, três mil vezes seguidas. Ou roubava meu skate e usava como ambulância para as bonecas dela. Essas coisas normais de irmã mais nova.

Com meus pais era mais complicado. É difícil explicar, especialmente porque eu sei que vou dizer uma coisa que parece boa: eles eram sempre otimistas. Mesmo quando as coisas iam mal – e elas iam muito mal – eles brincavam. Faziam graça. Fingiam que tudo estava bem.

Às vezes eu só queria ser tratado como um adulto. Queria ouvir a verdade, mesmo que não fosse uma verdade feliz. Eu entendia as coisas. Sabia bem mais do que eles pensavam.

Mas meus pais eram otimistas. Eles olhavam para meio copo de água e pensavam que estava meio cheio, não meio vazio.

Eu não. Cientistas não são otimistas ou pessimistas. Eles só observam o mundo e veem o que é. Olham para um copo de água e medem cem mililitros ou quanto quer que seja, e esse é o fim da discussão.

Meu pai, por exemplo. Quando eu era pequeno, ele ficou doente, doente de verdade. Descobriu que tinha uma doença chamada esclerose múltipla. Na maior parte do tempo ele fica bem, mas às vezes tem dias ruins e não consegue andar direito, tem que usar uma bengala.

Quando descobriu que tinha isso, meu pai agiu como se não fosse nada demais, apesar de ter sido obrigado a sair do seu emprego de construir casas. Ele disse que estava cansado de ouvir marteladas o dia inteiro. Disse que queria usar sapatos chiques em vez de enlameados, e escreveu uma música sobre isso, chamada “Blues dos sapatos enlameados”. Disse que trabalharia de casa, então colou uma placa na porta do banheiro que dizia ESCRITÓRIO DO SR. THOMAS WADE. Minha mãe pôs uma placa ao lado que dizia EU PREFERIRIA ESTAR PESCANDO.

E foi isso.

Às vezes eu só quero perguntar para eles se meu pai vai ficar OK ou por que a gente nem sempre tem comida suficiente em casa ou por que eles têm discutido tanto.

E também por que eu não podia ter sido filho único.

Mas eu não pergunto. Não mais.

No ano passado, estávamos num jantar do bairro e Aretha comeu a fralda descartável de um bebê. Ela teve que passar duas noites no veterinário até soltar a fralda no cocô.

– O coco entra, o cocô sai – meu pai disse quando a gente foi buscá-la. – É o ciclo da vida.

– O ciclo da vida é caro – minha mãe comentou, olhando a conta. – Parece que o aluguel vai ficar atrasado esse mês de novo.

Quando chegamos ao carro, tomei coragem e perguntei assim, sem rodeios, se a gente tinha dinheiro suficiente para as coisas. Meu pai disse para eu não me preocupar. Que a gente só estava um pouquinho deficiente, financeiramente falando. Ele falou que às vezes é difícil planejar tudo, a não ser que você tenha uma bola de cristal e possa ver o futuro, e que se eu conhecesse alguém com uma bola de cristal ele adoraria pedir emprestado.

Minha mãe comentou algo sobre ganhar na loteria e meu pai perguntou se, caso ganhassem na loteria, ele podia por favor comprar uma Ferrari. E ela sugeriu: que tal um Jaguar? E daí eu entendi que queriam mudar de assunto.

Não fiz mais perguntas depois disso.

De algum jeito, soube que meus pais só não queriam me dar respostas duras.

10

Depois que me preparei para dormir, deitei no colchão e refleti sobre as coisas.

Pensei sobre as coisas que tinha colocado na minha sacola de recordações. Algumas fotos. Um troféu do concurso de soletração. Um monte de livros sobre natureza. Meu ursinho de pelúcia. Uma estátua de argila de Crenshaw que tinha feito quando estava no segundo ano. Meu exemplar gasto de *Um buraco é para cavar*.

Pensei sobre Crenshaw e a prancha de surfe.

Pensei sobre as jujubas roxas.

Mas, sobretudo, pensei sobre os sinais que vinha notando.

Eu sou muito observador, o que é uma qualidade útil para um cientista. Isto é o que eu vinha observando:

Grandes pilhas de contas.

Pais sussurrando.

Pais discutindo.

Coisas sendo vendidas, como o bule de prata que minha vó deu para a minha mãe, e nosso computador.

A casa sem luz por dois dias porque não tínhamos pagado a conta.

Nenhuma comida exceto manteiga de amendoim e macarrão instantâneo.

Minha mãe se enfiando embaixo do sofá à procura de moedas de dez centavos.

Meu pai se enfiando embaixo do sofá à procura de moedas de cinquenta centavos.

Minha mãe pegando emprestado rolos de papel higiênico do trabalho.

O dono do apartamento nos visitando e dizendo: “Sinto muito”, e balançando a cabeça várias vezes.

Não fazia sentido. Minha mãe tinha três empregos de meio período. Meu pai tinha dois empregos de meio período. Era de se imaginar que juntos eles dariam dois empregos inteiros, mas não era o que acontecia.

Minha mãe ensinava música numa escola até cortarem a aula dela. Agora ela trabalha como garçoneiro em dois restaurantes e como caixa numa farmácia. Ela queria outro trabalho ensinando música, mas por enquanto não apareceu nada.

Depois que meu pai teve que sair do emprego da área de construção, começou um negócio de faz-tudo. Ele fazia pequenos consertos, mas às vezes não estava se sentindo bem e tinha que cancelar os compromissos. Ele também dava aulas particulares de violão. E esperava ir a uma faculdade de meio-período para aprender programação.

Eu imaginei que meus pais tivessem um plano para deixar tudo OK, porque pais sempre têm um plano. Mas quando perguntei a eles qual era, disseram que talvez pudessem plantar uma árvore de dinheiro no jardim. Ou retomar sua banda de rock e ganhar um Grammy.

Eu não queria sair do nosso apartamento, mas podia sentir que isso ia acontecer, mesmo que ninguém dissesse nada. Eu sabia como as coisas funcionavam. Já tinha passado por isso antes.

Era uma pena, porque eu gostava muito do lugar onde a gente morava, mesmo que a gente só estivesse lá fazia dois anos. O nome do bairro era Vila Lago dos Cisnes. Não tinha nenhum cisne de verdade. Mas todas as caixas de correio tinham cisnes, e a piscina pública tinha um cisne pintado no fundo.

A água da piscina era sempre quente. Minha mãe dizia que era por causa do sol, mas eu suspeitava de xixi ilegal.

Todas as ruas na Vila Lago dos Cisnes tinham nomes com duas palavras. A nossa era Lua Quieta. Mas havia outras, como Pomba Sonolenta e Floresta Encantada e Vale Ensolarado. Minha escola, o Colégio Lago dos Cisnes, ficava a dois quarteirões do nosso prédio. Ela não tinha nada com cisnes.

Não era um lugar chique, só um bairro normal. Mas era simpático. Era o tipo de lugar onde todo fim de semana a gente sentia cheiro de cachorro-quente e de hambúrguer na grelha. Onde as crianças andavam de patinete na calçada e vendiam limonada ruim por 25 centavos o copo. Era um lugar onde se tinha amigos com quem podia contar, como Marisol.

A gente não pensaria que era um lugar onde as pessoas estavam cansadas ou famintas ou tristes.

A bibliotecária da nossa escola gosta de dizer que não se pode julgar um livro pela capa. Talvez seja o mesmo com bairros. Talvez não se possa julgar um lugar pelos seus cisnes.

11

Finalmente caí no sono, mas acordei umas onze. Levantei para ir ao banheiro e, enquanto atravessava o corredor, percebi que meus pais ainda estavam acordados. Eu pude ouvi--los conversando na sala.

Eles estavam considerando lugares para onde poderíamos ir se não conseguíssemos pagar o aluguel.

Se eu não me tornar um cientista de animais, serei um ótimo espião.

Minha mãe perguntou sobre Gladys e Joe, os pais do meu pai. Eles moram num apartamento em Nova Jersey. Meu pai disse que eles só tinham um quarto extra. Então acrescentou:

– Além disso, eu não conseguiria viver sob o teto dele. Ele é o homem mais teimoso no planeta.

– O segundo homem mais teimoso do planeta – minha mãe corrigiu. – Podemos tentar pedir dinheiro emprestado para alguém da família.

Meu pai esfregou os olhos.

– Você tem algum parente rico que eu não conheço?

– Bom argumento – observou minha mãe.

Então ela perguntou sobre a prima do meu pai em Idaho, que tinha um rancho, ou a mãe dela em Sarasota, que tinha um apartamento, ou o antigo amigo do meu pai, Cal, que morava em Maine num trailer.

Meu pai perguntou qual dessas pessoas receberia dois adultos, duas crianças e um cachorro que come móveis. Além disso, disse que não queria aceitar esmola de ninguém.

– Você sabe que a gente não pode morar na minivan outra vez, né? – minha mãe perguntou.

– Sim – meu pai respondeu. – Eu sei.

– Aretha está muito maior. Ela ocuparia o banco do meio inteiro.

– E peida muito, ainda por cima. – Meu pai suspirou. – Quem sabe? Talvez domingo, na venda, alguém nos dê um milhão de dólares pelo cadeirão da Robin.

– Bem lembrado – disse minha mãe. – Ela vem com Cheerios extra grudados no assento.

Eles ficaram em silêncio.

– A gente devia vender a TV – minha mãe falou depois de um tempo. – Sei que

é antiga, mas mesmo assim...

Meu pai balançou a cabeça.

– Não somos bárbaros. – Ele apertou um botão no controle remoto e um filme antigo, em preto e branco, surgiu na tela.

Minha mãe se levantou.

– Estou tão cansada. – Ela olhou para o meu pai com os braços cruzados. – Ouça – ela disse. – Não há nada de errado em pedir ajuda, Tom. Nada mesmo.

A entonação dela era baixa e lenta. Era a voz que ela usava quando uma briga estava prestes a começar. Senti um aperto no peito. O ar parecia pesado.

– Há tudo de errado em pedir ajuda – meu pai disparou. – Significa que a gente fracassou. – A voz dele mudou também. Estava ríspida e dura.

– Nós *não* fracassamos. Estamos fazendo o melhor que podemos. – Minha mãe soltou um grunhido frustrado. – A vida é o que acontece enquanto você está ocupado fazendo outros planos, Tom.

– Sério? – Meu pai estava gritando. – Então agora vamos recorrer à sabedoria de biscoitos da sorte? Como se isso fosse ajudar a pôr comida na boca dos nossos filhos?

– Bom, recusar-se a pedir ajuda não vai!

– Nós *pedimos* ajuda, Sara. Visitamos aquele banco de alimentos mais vezes do que gosto de admitir. Mas no fim, o problema é meu, nosso, para resolver! – meu pai berrou.

– Você não é responsável por ficar doente, Tom. E não é responsável por eu ter sido demitida. – Minha mãe jogou as mãos para o alto. – Ah, do que adianta? Eu vou pra cama.

Eu me esgueirei para dentro do banheiro enquanto minha mãe atravessava o corredor bufando. Ela bateu a porta do quarto deles tão alto que a casa inteira pareceu tremer.

Esperei alguns minutos para garantir que não havia ninguém por perto. Quando voltei para o meu quarto, meu pai ainda estava no sofá, encarando os fantasmas cinza que se moviam na tela.

12

Eu não dormi muito depois disso. Fiquei virando de um lado para o outro na cama, e finalmente levantei para pegar um copo d'água. Todo mundo estava dormindo. A porta do banheiro estava fechada, mas escapava luz pelas frestas.

Ouvi uma cantoria.

Ouvi o som de água.

– Mãe? – perguntei baixinho. – Pai?

Nenhuma resposta.

– Robin?

Nenhuma resposta. Mais cantoria.

Parecia: “Banho é bom, banho é bom, banho é muito bom”. Mas eu não tinha certeza.

Me perguntei se podia ser um assassino com uma machadinha. Mas tomar um banho não parecia algo que um assassino com uma machadinha faria.

Eu não queria abrir a porta.

Eu abri a porta um centímetro.

Mais água respingando. Uma bolha de sabão flutuou na minha frente.

Abri a porta completamente.

Crenshaw estava tomando banho de banheira.

13

Eu olhei para ele. Ele olhou para mim.

Entrei correndo no banheiro, fechei e tranquei a porta.

– Miau – ele disse. Pareceu uma pergunta.

Eu não disse “miau” de volta. Eu não disse nada.

Fechei os olhos e contei até dez.

Ele ainda estava lá quando os abri.

Crenshaw parecia ainda maior de perto. Sua barriga branca despontava das bolhas como uma ilha nevada. Seu rabo enorme estava pendurado do lado da banheira.

– Você tem jujubas roxas? – ele perguntou.

Ele tinha pelos grossos no bigode espetados na cara como espaguete cru.

– Não – eu falei mais para mim do que para ele.

Aretha arranhou a porta.

– Agora não, garota – eu insisti.

Ela ganiu.

Crenshaw torceu o nariz.

– Sinto cheiro de cachorro.

Ele estava segurando um dos patinhos de borracha de Robin. Olhou o pato cuidadosamente, então esfregou a testa contra ele. Gatos têm glândulas de cheiro nas orelhas e, quando se esfregam em alguma coisa, é como se escrevessem em letras gigantes: ISTO É MEU.

– Você é imaginário – eu disse na voz mais firme que consegui. – Você não é real.

Crenshaw fez uma barba de espuma em si mesmo.

– Eu te inventei quando tinha sete anos – eu disse –, o que significa que posso te desinventar agora.

Crenshaw não parecia estar prestando atenção.

– Se você não tem jujubas roxas – ele falou –, eu até aceitaria vermelhas numa emergência.

Eu me olhei no espelho. Meu rosto estava pálido e suado. Ainda podia ver o

reflexo de Crenshaw. Ele estava fazendo uma pequena barba de espuma para o pato de borracha.

– Você não existe – eu disse para o gato no espelho.

– Permita-me discordar – retrucou Crenshaw.

Aretha arranhou a porta de novo.

– Tá bom – murmurei. Abri a porta um pouquinho para ter certeza de que ninguém estava no corredor me escutando.

Me escutando falar com um gato imaginário.

Aretha entrou correndo como se eu tivesse um bife gigante e suculento esperando na banheira. Tranquei a porta de novo.

Uma vez lá dentro, Aretha ficou completamente parada sobre o tapete do banheiro, exceto pelo rabo. Ela abanava o rabo como uma bandeira num dia de ventania.

– Eu não entendo de jeito nenhum por que sua família sentiu necessidade de ter um cachorro – Crenshaw falou, olhando-a com desconfiança. – Por que não um gato? Um animal com um pouco de classe? Glamour? Dignidade?

– Meus pais são ambos alérgicos a gatos – eu disse.

Estou falando com meu amigo imaginário.

Eu o inventei quanto tinha sete anos.

Ele está aqui na banheira.

Ele tem uma barba de espuma.

Aretha inclinou a cabeça. Suas orelhas estavam alertas. Quando ela cheirou o ar, seu focinho molhado tremeu.

– Afaste-se, criatura nefasta – disse Crenshaw.

Aretha apoiou as patas grandes na beirada da banheira e deu um beijo carinhoso e babado nele.

Ele sibilou, devagar e baixo. Parecia mais um pneu de bicicleta soltando ar do que um gato furioso.

Aretha tentou lhe dar outro beijo. Crenshaw lançou uma patada de bolhas nela. Ela as apanhou com a boca e comeu.

– Nunca entendi a utilidade dos cachorros – comentou Crenshaw.

– Você não é real – eu repeti.

– Você sempre foi uma criança teimosa.

Crenshaw tirou o tampão da banheira e se ergueu. As bolhas se dissolveram. A água do banho rodopiou. Molhado, ele parecia ter metade do tamanho. Com o pelo todo úmido, eu podia ver os ossos delicados das suas pernas. A água escorria por elas como uma enchente ao redor de árvores.

Ele tinha uma postura impecável.

Não me lembrava de Crenshaw ser mais alto que eu. Eu tinha crescido bastante desde os meus sete anos, mas ele também? Amigos imaginários cresciam?

– Toalha, por favor – pediu Crenshaw.

14

Com dedos trêmulos, passei para Crenshaw a toalha de Hello Kitty desbotada da Robin.

Pensamentos correram por meu cérebro como relâmpagos de verão.

Eu estou vendo meu amigo imaginário.

Estou ouvindo ele.

Estou falando com ele.

Ele está usando uma toalha.

Quando Crenshaw foi sair da banheira, tentou pegar minha mão. Sua pata era quente e macia e molhada, tão grande quanto a de um leão, com dedos do tamanho de minicenouras.

Estou sentindo ele.

Ele parece real.

Ele cheira a gato molhado.

Ele tem dedos.

Gatos não têm dedos.

Crenshaw tentou se secar. Cada vez que notava um tufo de pelo fora de lugar, ele parava para lambê-lo. Sua língua era coberta de bolinhas, parecia de velcro rosa.

– Essas coisas na sua língua são chamadas papilas – eu disse, então percebi que talvez não fosse a melhor hora para compartilhar fatos da natureza.

Crenshaw se olhou no espelho.

– Minha nossa, que visão terrível.

Aretha lambeu o rabo dele, solícita.

– Para longe, cão! – Crenshaw gritou. Ele jogou a toalha e ela pousou sobre Aretha. – Preciso de mais do que uma toalha. Preciso de uma boa e velha sacudida.

Crenshaw respirou fundo. Fez movimentos de ondas com o corpo inteiro. Gotas de água voaram como fogos de artifício cristalinos. Quando terminou, seu pelo estava espetado.

Aretha se desvencilhou da toalha, abanando o rabo loucamente.

– Olhe esse rabo ridículo – observou Crenshaw. – Os humanos riem com a boca, os cachorros com o rabo. De qualquer forma, não há motivo para tanta alegria.

Puxei a toalha da Aretha. Ela a pegou entre os dentes para brincar de cabo de guerra.

– E os gatos? – perguntei. – Vocês não riem?

Estou falando com um gato.

Um gato está falando comigo.

– Nós damos sorrisinhos – Crenshaw disse. – Nós zombamos. Muito raro, ficamos levemente entretidos. – Ele lambeu a pata e alisou um pelo espetado perto da orelha. – Mas não rimos.

– Preciso sentar – eu interrompi.

– Onde estão seus pais? E Robin? Não vejo eles todos há séculos.

– Dormindo.

– Eu vou acordar os três.

– Não! – eu praticamente gritei. – Quer dizer... vamos para o meu quarto. Precisamos conversar.

– Eu vou pular na cama deles e andar sobre a cabeça deles. Vai ser divertido.

– Não – respondi. – Você não vai andar na cabeça de ninguém.

Crenshaw estendeu uma pata para a maçaneta. Ela escorregou quando ele tentou girá-la.

– Você se importa em me ajudar? – ele perguntou.

Eu agarrei a maçaneta.

– Olhe – eu disse. – Preciso saber uma coisa. Todo mundo pode te ver? Ou só eu?

Crenshaw mordiscou uma das unhas. Era pálida e rosa, afiada como uma lasca de lua nova.

– Não posso dizer com certeza, Jackson. Perdi a prática.

– Perdeu a prática do quê?

– De ser seu amigo. – Ele passou para outra unha. – Na teoria, só você pode me ver. Mas quando um amigo imaginário é deixado à sua própria sorte, sozinho e esquecido... quem sabe? – A voz dele foi sumindo. Ele fez um biquinho, muito melhor que qualquer um que Robin já tinha feito. – Faz muito tempo desde que você me abandonou. Talvez as coisas tenham mudado. Talvez o tecido do universo tenha se desfeito um pouco.

– Tá, mas e se você *for* visível? Não posso deixar você simplesmente atravessar o corredor até o meu quarto. E se meu pai acordar pra fazer um

lanchinho? E se Robin tiver que ir ao banheiro?

– Ela não tem uma caixa de areia no quarto dela?

– Não. Ela não tem uma caixa de areia no quarto dela. – Apontei para a privada.

– Ah, sim. Estou lembrando de tudo agora.

– Olha, a gente vai para o meu quarto. Fique quieto. Se alguém aparecer, só... não sei, congele. Finja que é um bicho de pelúcia.

– Bicho de pelúcia? – Ele pareceu ofendido. – Acho que não!

– Só faça o que eu digo.

O corredor estava escuro, exceto pela luz do banheiro que se derramava no tapete como manteiga derretida. Creshaw se movia muito silenciosamente para um cara do seu tamanho. É por isso que gatos são caçadores incríveis.

Ouvi um rangido suave atrás de mim.

Robin saiu do quarto.

Virei a cabeça bruscamente para Crenshaw.

Ele congelou onde estava. Sua boca estava aberta e seus dentes à mostra, como um daqueles animais mortos e empoeirados expostos em museus de história natural.

– Jacks? – Robin perguntou numa voz sonolenta. – Com quem você tá falando?

15

– Hã... Aretha – respondi. – Estava falando com Aretha.

Eu odiava mentir. Mas meio que não tinha escolha.

Robin bocejou.

– Você estava dando um banho nela?

– É.

Eu olhava para a frente e para trás, para a frente e para trás.

Irmã.

Amigo imaginário.

Irmã.

Amigo imaginário.

Aretha correu para acariciar a mão de Robin.

– Ela não está molhada – Robin disse.

– Eu usei o secador.

– Ela odeia o secador. – Robin beijou o topo da cabeça de Aretha. – Não odeia, bebê?

Robin não parecia ver Crenshaw. Talvez porque estivesse bem escuro no corredor. Ou talvez porque ele fosse invisível.

Ou talvez porque nada disso estivesse acontecendo.

– Ela tá com o mesmo cheiro de sempre – Robin comentou. – Aquele cheiro gostoso de cachorro.

Olhei para Crenshaw. Ele revirou os olhos.

– Ah, bem – Robin falou, bocejando. – Vou voltar pra cama. Boa noite, Jacks. Amo você.

– Boa noite, Robin – eu disse. – Também amo você.

Seguimos para o meu quarto. Crenshaw pulou no meu colchão como se fosse o dono dele. Quando Aretha tentou se juntar a ele, Crenshaw rosnou. Não foi muito convincente.

– Preciso entender o que está acontecendo. – Eu me apoiei na parede. – Estou ficando louco?

O rabo de Crenshaw subia e descia, formando um S preguiçoso no ar.

– Não, você não está. – Ele lambeu uma pata. – Falando nisso, e correndo o risco de ficar repetitivo, e aquelas jujubas roxas?

Quando não respondi, ele se enrodilhou na forma de um donut, o rabo enrolado ao redor de si, e fechou os olhos. Ele ronronava do jeito como meu pai ronca, como um barco com problemas no motor.

Eu o encarei, um gato enorme e molhado que tomava banho de espuma.

Sempre há uma explicação lógica, eu disse a mim mesmo. E uma parte de mim, a parte cientista, realmente queria entender o que estava acontecendo.

Mesmo assim, uma parte muito maior de mim tinha certeza de que eu precisava que essa alucinação – esse sonho – essa *coisa* – desaparecesse. Mais tarde, quando Crenshaw estivesse fora da minha casa, pra não mencionar fora do meu cérebro, eu podia pensar no que tudo isso significava.

Uma batida suave na minha porta me disse que Robin estava de volta. Ela sempre bate como o começo de “Motorista, motorista, olha o poste”: Toc-toc-to-to-toc.

– Jackson?

– Vai dormir, Robin. *Por favor.*

– Não consigo. Tô com saudades da minha lixeira.

– Sua lixeira?

– O papai levou a minha lixeira para a venda de garagem.

– Tenho certeza de que foi um engano, Robin – eu disse. – Ninguém quer comprar sua lixeira.

– Tinha coelhinhos azuis nela.

– A gente tira ela da garagem amanhã de manhã.

Aretha se moveu para cheirar o rabo de Crenshaw. Ele sibilou. Coloquei o dedo no lábio para pedir silêncio, mas parecia que Robin não tinha ouvido nada.

– Boa noite, Robin – eu disse. – Vejo você de manhã.

– Jackson?

Esfreguei os olhos e resmunguei, do jeito que vira meus pais fazerem mais de uma vez.

– O que foi *agora*?

– Você acha que eu vou ganhar outra cama algum dia?

– Sim. Claro. Talvez uma com coelhinhos azuis.

– Jackson?

– Sim?

– Meu quarto dá medo sem as minhas coisas. Você pode ler o Lyle pra mim?

– Claro. Já vou lá.

Robin fungou.

– Vou esperar aqui na frente da porta. OK?

– OK. – Lancei um olhar para Crenshaw. – Só me dê um segundo, Robin. Tem algo que eu preciso muito fazer.

16

Fui até a minha janela e a abri. Com cuidado, retirei a tela. Nosso apartamento ficava no térreo. Cerca de um metro abaixo da janela, um tapete de grama o esperava.

– Adeus, Crenshaw – eu disse.

Ele abriu um olho devagar, como alguém que espiava por detrás dos óculos escuros.

– Mas nossa conversa estava tão agradável.

– Agora – eu insisti. Pus as mãos na cintura para mostrar que estava falando sério.

– Jackson, seja razoável. Eu vim de tão longe.

– Você tem que voltar para o lugar de onde veio.

Crenshaw abriu o outro olho.

– Mas você precisa de mim aqui.

– Não preciso de você. Já tenho problemas suficientes.

Com uma grande demonstração de esforço, Crenshaw se sentou. Ele se alongou, virando as costas num U invertido.

– Acho que você não entendeu o que está acontecendo aqui, Jackson – ele disse. – Amigos imaginários não aparecem por vontade própria. Somos convidados. Ficamos até quando somos necessários. E então, e só então, partimos.

– Bom, eu com certeza não te convidei.

Crenshaw me lançou um olhar incrédulo. Os pelos longos e finos se moveram como os fios de uma marionete.

Eu me aproximei.

– Se você não sair sozinho, vou te fazer sair.

Pus os braços ao redor da cintura dele e puxei. Era como abraçar um leão. O gato pesava uma tonelada.

Crenshaw enfiou as garras profundamente na colcha que minha tia-avó Trudy tinha feito quando eu era bebê. Eu desisti e o soltei.

– Olhe – Crenshaw disse enquanto extraía as garras da minha colcha –, não

posso ir embora até te ajudar. Eu não faço as regras.

– Então quem faz?

Crenshaw me encarou com duas bolas de gude verdes. Ele pôs as patas da frente nos meus ombros. Cheirava a espuma de sabão e erva-dos-gatos e o oceano à noite.

– Você, Jackson – ele respondeu. – *Você* faz as regras.

Uma buzina tocou à distância. Apontei para a janela.

– Eu não preciso da ajuda de ninguém. E com certeza não preciso de um amigo imaginário. Não sou mais criancinha.

– Bobagem. Isso é por que eu sibilei para o cão odoroso?

– Não.

– Podemos pelo menos esperar até amanhecer? Há uma brisa fria no ar, e eu acabei de tomar um banho de banheira.

– Não.

Toc-toc-to-to-toc.

– Jacks? Tô meio sozinha aqui no corredor.

– Tô indo, Robin – gritei.

Do canto do olho, vi um sapo pular até o batente da janela. Ele soltou um coaxar baixinho e nervoso.

– Temos um visitante – eu disse, apontando. Talvez, se eu distraísse Crenshaw, ele fosse embora. – Você sabia que alguns sapos conseguem saltar muito longe, como se uma pessoa pulasse o comprimento de um campo de futebol? Eles são saltadores incríveis.

– Hum. Também são lanchinhos noturnos incríveis – murmurou Crenshaw. – Pensando bem, não me incomodaria com um pedacinho de anfíbio.

Eu podia ver que ele tinha entrado no modo predador. Seus olhos se tornaram piscinas escuras. A parte de trás do corpo balançava. O rabo tremia.

– Tchau, Crenshaw – eu disse.

– Muito bem, Jackson – ele sussurrou, os olhos focados como lasers no sapo. – Você ganhou. Vou sair e caçar um pouco. Afinal, eu sou uma criatura da noite. Nesse meio-tempo, comece a trabalhar.

Cruzei os braços sobre o peito.

– No quê, exatamente?

– Nos fatos. Você precisa contar a verdade, meu amigo.

O sapo estremeceu, e Crenshaw congelou, puro músculo e instinto.

– Que fatos? Contar a verdade pra quem?

Crenshaw desviou o olhar do sapo. Ele se virou para mim e, para a minha

surpresa, vi ternura em seus olhos.

– Para a pessoa que mais importa.

O sapo pulou para fora do batente, de volta para a noite. Com um único salto magnífico, Crenshaw o alcançou. Quando corri até a janela, tudo o que vi foi um borrão preto e branco atravessando a grama iluminada pela lua.

Eu me sentia do jeito que a gente se sente quando tira um suéter que pinica num dia frio: aliviado por ter se livrado daquilo, mas surpreendido com o ar frio.

17

Robin estava esperando por mim no corredor, sentada com as pernas cruzadas. Seu tatu de pelúcia, Spot, estava no colo.

Peguei a mão dela e a levei de volta para o seu quarto. Sua luz noturna cor de arco-íris fazia listras no teto. Eu gostaria de ter uma no meu quarto, embora nunca fosse admitir.

– Ouvi você falando – ela disse enquanto se enfiava debaixo do cobertor.

– Às vezes eu falo sozinho.

– Isso é meio estranho. – Robin bocejou.

– Sim – concordei, ajeitando as cobertas ao redor dela. – É mesmo.

– Você prometeu ler o Lyle – ela me lembrou.

Eu esperava que ela tivesse esquecido.

– Sim.

– Ele está na minha sacola de recordações.

Eu vasculhei a sacola marrom de papel. Uma boneca careca lançou a cabeça para fora, me examinando com olhos brancos e redondos.

– Vai pra lá – eu disse.

Robin deu espaço para mim no colchão.

Abri o livro. As páginas eram macias e a capa estava rasgada.

– Robin – perguntei –, você já teve um amigo imaginário?

– Você quer dizer, tipo, invisível?

– Invisível. Sim. Isso.

– Não.

– Sério? Nunca?

– Não. Tenho Sandra e Jimmy e Kylie. E às vezes Josh quando ele não está sendo bobão. Eles são reais, então não preciso fingir.

Folhee as páginas do livro.

– Mas, às vezes, sabe, quando você está sozinha? – eu hesitei. Não sabia exatamente o que queria perguntar. – Tipo, imagina que você tá em casa e não

tem nenhum amigo por perto e precisa muito falar com alguém que vá te escutar. Nem assim?

– Não. – Ela sorriu. – Porque daí eu tenho você.

Fiquei feliz ao ouvi-la dizer isso. Mas não era exatamente a resposta que eu tinha esperado.

Abri o livro na primeira página.

– “Essa é a casa. A casa na rua 88. Ela está vazia agora...”

– Como a nossa casa – Robin interrompeu. – Só que a gente mora num apartamento.

– Verdade.

– Jacks? – Robin perguntou baixinho. – Lembra quando a gente morou na minivan por um tempo?

– Você se lembra disso? Era um bebê.

– Mais ou menos. Lembro, mas não muito. – Robin fez Spot fazer uma dancinha sobre o cobertor. – Mas você me contou. Então eu fiquei pensando.

– Pensando em quê?

Spot deu uma cambalhota.

– Pensando se vamos ter que morar lá de novo. Como a gente faz pra ir no banheiro?

Eu não conseguia acreditar. Robin era só uma criança. Como ela tinha entendido tanto? Será que tinha espiado nossos pais, como eu?

Robin fungou. Ela enxugou os olhos com Spot. Percebi que ela estava chorando sem fazer nenhum som.

– Eu... eu sinto falta das minhas coisas e não quero morar num carro sem penico e além disso minha barriga não para de roncar – ela sussurrou.

Eu sabia o que dizer para ela. Ela precisava ouvir os fatos. Nós estávamos com problemas de dinheiro. Provavelmente íamos ter que sair do apartamento. Até poderíamos acabar de volta na minivan. Havia uma boa chance de ela ter que deixar todos os amigos para trás.

Coloquei o braço ao redor de Robin e a abracei. Ela ergueu a cabeça para mim. Seus olhos brilhavam com lágrimas.

Você precisa contar a verdade, meu amigo.

– Não seja ridícula – eu disse. – Não podemos morar no nosso carro. Onde a gente ia colocar os picolés? Além disso, a Aretha e o papai roncam como um motor.

Ela riu um pouquinho.

– Você se preocupa demais, menina. Está tudo bem. Prometo. Agora, vamos

voltar ao Lyle.

Outra fungada. Um aceno de cabeça.

– Ei, curiosidade sobre crocodilos – eu disse. – Você sabia que eles comem pedras depois de jantar?

Robin não respondeu. Ela já estava dormindo profundamente, roncando de leve.

Já eu não podia dormir. Estava ocupado demais com as lembranças.

parte dois

“Purê de batata é para dar o bastante para todo mundo.”

Um buraco é para cavar: Primeiro livro de primeiras definições, escrito por

Ruth Krauss e ilustrado por Maurice Sendak

18

Acho que ficar sem casa é algo que não acontece assim de repente.

Minha mãe me disse uma vez que problemas com dinheiro chegam de fininho. Ela disse que é como pegar uma gripe. Primeiro você sente uma coceira na garganta, então tem uma dor de cabeça, e daí talvez comece a tossir um pouco. De repente, está na cama rodeado por uma pilha de lençinhos e pondo os pulmões para fora.

Talvez a gente não tenha ficado sem casa da noite para o dia. Mas pareceu que sim. Eu estava terminando o primeiro ano. Meu pai tinha ficado doente. Minha mãe tinha perdido o emprego de professora. E de repente – *bam!* – a gente não morava mais numa casa gostosa com um balanço no jardim.

Pelo menos é assim que eu lembro. Mas, como eu disse antes, a memória é uma coisa estranha. Eu deveria ter pensado: “Uau, vou sentir falta da minha casa e do meu bairro e dos meus amigos e da minha vida”.

Mas só me lembro de pensar como ia ser divertido morar na nossa minivan.

19

A gente se mudou para a minivan logo depois que acabei o primeiro ano. Não houve nenhum grande anúncio, nenhuma festa de despedida. Nós meio que só saímos, do mesmo jeito que você abandona sua carteira quando as aulas acabam. A gente tira as coisas de lá, mas se deixar alguns lápis e uma prova antiga para trás, não liga muito. A gente sabe que a criança que vai ficar com aquela carteira no ano seguinte vai cuidar de tudo.

Meus pais não tinham muita coisa, mas mesmo assim conseguiram encher nossa minivan. Mal dava para enxergar pelas janelas. Eu esperei para colocar meu travesseiro e mochila até que a minivan estivesse quase cheia. Estava pondo eles no banco de trás quando notei algo estranho.

Alguém tinha deixado o limpador do vidro traseiro ligado, apesar de ser um dia ensolarado. Sem chuva, sem nuvens, sem nada.

Para um lado. Para o outro. Para um lado. Para o outro.

Meus pais estavam empacotando umas últimas bugigangas no apartamento, e Robin estava com eles. Eu estava sozinho.

Para um lado. Para o outro. Para um lado. Para o outro.

Olhei mais de perto. O limpador era comprido e extremamente peludo.

Parecia muito mais com um rabo do que com um limpador de vidro.

Eu pulei para fora do carro e corri para trás. Vi o amassado no para-choque da vez que meu pai deu ré num carrinho de compras no supermercado. Vi o adesivo que minha mãe tinha usado para cobrir o amassado. Dizia: “EU FREIO PARA DINOSSAUROS”.

Eu vi o limpador do vidro.

Mas ele não estava se movendo. E não era peludo.

E nesse exato momento eu soube, do mesmo modo que a gente sabe que vai chover muito antes de as primeiras gotas caírem sobre o seu nariz, que algo estava prestes a mudar.

20

Quando a minivan estava apinhada, ficamos parados na garagem. Ninguém queria entrar.

– Por que eu não dirijo, Tom? – perguntou minha mãe. – Você estava com muita dor de manhã.

– Eu estou bem – meu pai disse, firme. – Em boa forma. O que quer que isso signifique.

Minha mãe prendeu Robin na cadeirinha, e nós entramos na minivan. Os assentos estavam quentes por causa do sol.

– É só por alguns dias – minha mãe disse, ajustando os óculos de sol.

– Duas semanas, no máximo – disse meu pai. – Ou três. Ou quatro.

– A gente só precisa dar um jeito nas coisas. – Minha mãe estava usando sua voz de não-há-nada-errado, então eu sabia que alguma coisa estava muito errada. – Logo, logo a gente vai encontrar um apartamento novo.

– Eu gostava da nossa casa – eu disse.

– Apartamentos são gostosos também – disse minha mãe.

– Eu não consigo entender por que a gente não pode ficar.

– É complicado – meu pai respondeu.

– Você vai entender quando for mais velho, Jackson – minha mãe disse.

– Toca Wiggles – Robin gritou, se remexendo na cadeirinha. Ela adorava o Wiggles, uma banda que escrevia músicas bobas para crianças.

– Primeiro uma música pra pegar a estrada, Robin – meu pai disse. – Depois o Wiggles. – Ele colocou um CD no tocador do carro. Era de um dos cantores preferidos dos meus pais. O nome dele era B. B. King.

Meus pais gostam de um tipo de música chamado blues. Numa canção de blues, alguém sempre está triste por alguma coisa. Por exemplo, pode ter terminado com a namorada ou perdido todo o dinheiro ou um trem para um lugar distante. A coisa estranha é que, quando a gente ouve as músicas, se sente feliz.

Meu pai inventa um monte de músicas de blues loucas. A preferida da Robin era “Não tem presunto no meu sanduíche de presunto e queijo”. A minha chamava “Boogie do morcego-vampiro de pés para cima”, sobre um morcego

que não conseguia dormir de ponta-cabeça, como os outros morcegos.

Eu nunca tinha ouvido a música do B. B. King que meu pai resolveu tocar. Era sobre um cara que ninguém amava, exceto a mãe dele.

– O que ele quer dizer com “até minha mãe tá me embromando”, pai? – eu perguntei.

– Embromar significa mentir. É engraçado porque a mãe e o pai *sempre* amam a gente.

– Menos quando você não passa fio dental – corrigiu minha mãe.

Eu fiquei quieto por um tempo.

– As crianças sempre têm que amar a mãe e o pai? – perguntei.

Eu olhei o reflexo do meu pai no espelho retrovisor. Ele me olhou de volta com uma interrogação nos olhos.

– Pense desse jeito – ele disse. – Você pode ficar bravo com alguém e ainda amar essa pessoa de todo seu coração.

A gente saiu da garagem. Aretha estava sentada entre Robin e eu. Ela só tinha alguns meses, e ainda possuía o pelo macio dos filhotes e patas desajeitadas.

Nosso vizinho, o sr. Sera, estava cortando rosas amarelas no jardim. Nós já tínhamos feito nossas despedidas oficiais. Ele acenou e a gente acenou de volta, como se estivéssemos a caminho do Grand Canyon ou da Disney.

– O senhor Sera tem um gato? – eu perguntei. – Um gato bem grande?

– Só a Mabel – minha mãe respondeu. – Aquela chihuahua raivosa. Por quê?

Eu olhei para o vidro de trás, mas estava bloqueado por caixas e sacolas.

– Por nada – respondi.

Meu pai aumentou o volume do B. B. King, que continuava com bastante certeza de que ninguém o amava, exceto sua mãe.

Aretha inclinou a cabeça e uivou. Ela gostava de cantar as músicas junto com a gente, principalmente as de blues. Mas gostava dos Wiggles também.

Dirigimos alguns quarteirões. Meu lábio inferior tremeu, mas eu não chorei.

Minha mãe suspirou baixinho.

– Que comece a aventura – ela disse.

21

Se um dia você tiver que morar no carro, vai ter problemas com os pés. Especialmente se for obrigado a ficar lá dentro com sua irmã mais nova e sua mãe e seu pai e seu cachorro e seu amigo imaginário.

Existem muitos problemas com pés.

Os pés com chulé do seu pai.

O esmalte da sua mãe, que tem cheiro forte de canetinha. Mas ela diz que ainda quer ficar bonita, “Então por favor lide com isso”.

Os pés da sua irmã te chutando bem quando você está caindo no sono.

A surpresa áspera dos pés do seu cachorro tentando te acordar.

Pés do seu amigo imaginário andando sobre a sua cabeça.

Eu refleti muito sobre o problema dos pés. Então consegui bolar um plano. “O que pode acontecer de pior?”, pensei.

Peguei uma caixa de TV de papelão que encontramos atrás do Walmart. Eu amassei a embalagem até ela ficar plana. Desenhei fora da caixa e do lado de dentro também. Só tinha três canetinhas e uma secou quando a tampa caiu atrás do banco do carro. Então eram principalmente cachorros vermelhos com olhos azuis. E gatos azuis com olhos vermelhos.

Eu fiz estrelas por dentro. Pareciam uma boa coisa para se pensar antes de dormir.

Eu escrevi FICA FORA DA CANTINA DO JACKSON em cima. Minha mãe disse que era uma pena que tivemos que deixar nosso dicionário para trás. Meu pai disse que bem que podia ser uma cantina mesmo.

Toda noite eu abria minha caixa e punha meu saco de dormir ali no meu cantinho. Quando eu me enfiava lá dentro como uma lagarta num casulo, era como o meu quarto antigo, onde eu podia pensar sem ninguém me incomodando.

Quando a Robin me chutava dormindo, ela atingia a caixa. Pelo menos não era exatamente o mesmo que me chutar.

Para meu azar, Aretha gostava de dormir comigo. Então às vezes ficava com

cheiro de bafo de cachorro.

E a caixa também não ajudava muito em relação ao chulé do meu pai.

Eu sabia que tínhamos sorte por ter nossa velha minivan Honda, que era bem espaçosa. Eu conhecia um garoto que tinha morado um ano inteiro em um daqueles carros mini. Era vermelho e redondo como uma joaninha e mais ou menos do mesmo tamanho de uma joaninha. O coitado dormia sentado, amassado entre as duas irmãs mais novas.

Tínhamos sorte também porque minha caixa de dormir era só decoração. Algumas pessoas moravam mesmo em caixas na rua.

Eu não estava vendo o lado positivo da situação. É melhor ter um carro grande que um pequeno quando a gente está morando nele. E é melhor ter uma caixa num carro que uma caixa na rua.

Esses eram só os fatos.

Eu não era como meu pai, que ficava dizendo que a gente não era sem-teto.

Estávamos só acampando no nosso carro.

22

Não pensei muito sobre o rabo limpador de vidros por um tempo. As coisas estavam tão estranhas que acho que não queria acrescentar mais estranheza.

Nossa primeira noite na minivan foi meio que divertida. Dirigimos até um parque perto da ponte Golden Gate. Tinha um homem com um telescópio para olhar o céu, e ele nos mostrou as constelações Ursa Maior e Órion. Além da água, as luzes de São Francisco cobriam o chão como estrelas preguiçosas.

A gente ia dormir no estacionamento. Mas um segurança bateu na janela. Ele nos mandou sair, e então apontou sua lanterna de um lado para o outro como um sabre de luz de Star Wars.

Fomos até o Denny's, um restaurante que fica aberto a noite toda. Minha mãe conhecia um dos cozinheiros e perguntou se podíamos estacionar lá só por uma noite. Ele disse que sim e até nos deu umas panquecas que estavam queimadas demais para oferecer aos clientes.

Comemos mais panquecas queimadas de manhã. Todo mundo estava rabugento e dolorido. Só Aretha estava de bom humor. Ela ama panquecas.

Meu pais não tinham trabalho naquele dia, então fomos para a biblioteca pública para passar o tempo e nos lavar. Meus pais se revezaram para ficar do lado de fora com Aretha. É perigoso deixar um cachorro num carro quente.

A biblioteca tinha ar-condicionado e cadeiras macias. Os banheiros estavam limpos, o que era uma vantagem extra.

Antes eu nunca tinha parado para pensar em coisas como se um banheiro era limpo ou não. Sempre que tomava banho, minha mãe dizia “Aqui vem o Furacão Jackson”, de tanta bagunça que eu fazia.

Um dos meus experimentos preferidos na hora do banho era algo que os cientistas chamam de flutuabilidade. Eu chamo de “Será que flutua?”. Pode fazer um pouco de bagunça, mas é muito interessante. Por exemplo, se a gente joga um pote quase cheio de ketchup na banheira, ele não vai flutuar. Mas vai deixar a água de uma cor incrível.

Também vai irritar sua mãe.

A gente ficou na biblioteca a maior parte do dia. A bibliotecária no

departamento infantil até dividiu seu sanduíche comigo e com Robin. Ela tinha torratinhas também, e deu todas para Robin.

Depois disso, Robin decidiu que ia ser bibliotecária quando crescesse. Se essa coisa de cientista de animais não der certo, talvez eu vire bibliotecário também.

23

Só fazia quatro dias que estávamos morando na van quando alguém roubou a bolsa da minha mãe, que tinha a maior parte do nosso dinheiro, porque a carteira do meu pai estava se desmanchando.

Depois que contamos para a polícia, o policial pediu nosso endereço para que eles pudessem devolver o dinheiro, se achassem.

Minha mãe disse para ele que estávamos “entre endereços”.

– Ah – disse o policial.

Ele acenou com a cabeça como se tivesse resolvido um problema de matemática complicado.

Meus pais e o policial conversaram por um tempo. Ele deu o endereço de dois abrigos para moradores de rua onde as pessoas podiam passar a noite. E explicou que os homens vão para um lugar e as mães e as crianças vão para outro.

– De jeito nenhum – meu pai afirmou. – Sem chance.

Robin disse:

– Estamos acampando no carro.

O policial olhou para Aretha, que estava lambendo o sapato preto lustroso dele. Ele disse que animais também não eram permitidos nos abrigos.

Eu perguntei se isso incluía filhotes.

– Infelizmente, sim – ele respondeu.

Eu contei para ele que meu professor, o sr. Vandermeer, tinha ratos de estimação.

– Ratos, em especial, são proibidos – disse o policial.

Há ratos bons e ratos ruins, eu disse para o policial. Eu expliquei que ratos brancos, como os do meu professor, Harry e Hermione, eram animais muito limpos. Mas ratos selvagens podiam transmitir doenças.

Então contei como o sr. Vandermeer estava ensinando seus ratos a jogar basquete com uma bolinha para um experimento científico. Ratos são muito inteligentes.

– Basquete – o policial repetiu.

Ele olhou para os meus pais como se dissesse que talvez deveriam se

preocupar comigo. Então deu um cartãozinho branco para minha mãe com alguns números de telefone.

– Serviço social, abrigos, banco de alimentos, clínica gratuita – ele disse. – Voltem para saber mais sobre o roubo. Enquanto isso, aguentem firme.

Estávamos quase no carro quando ouvi o policial gritar: – Ei, homem do rato!

Eu me virei. Ele acenou para eu voltar. Quando fui até ele, falou: – Como são os arremessos deles? Dos ratos, quero dizer?

– Não muito bons – eu disse. – Mas eles estão meio que aprendendo. Ganham recompensas quando fazem algo certo. Isso se chama refor... – Eu não conseguia lembrar. Eram duas palavras longas.

– Reforço positivo?

– Isso!

– É, eu gostaria de um pouco disso também – disse o policial.

Ele enfiou a mão no bolso e tirou uma nota de vinte dólares amassada.

– Dê isso ao seu pai – ele disse. – Mas espere até vocês entrarem no carro.

Eu perguntei por que eu tinha que esperar.

– Por que senão ele vai devolver pra mim – o policial respondeu.

– Como você sabe? – eu perguntei.

– Eu sei – ele disse.

Quando entrei no carro, dei o dinheiro ao meu pai. Pela cara dele, achei que ia jogar pela janela.

Pensei que talvez fosse gritar comigo, mas não gritou. Ele só tamborilou os dedos na direção. *Tap. Tap. Tap.*

Por fim, enfiou a nota no bolso da calça.

– Parece que eu pago o jantar hoje – ele disse baixinho.

24

No dia seguinte, deixamos minha mãe no seu emprego de meio período como garçonete. Antes de sair do carro, ela olhou para o meu pai e disse: – Temos que nos candidatar para assistência financeira, Tom.

– Vamos nos recuperar antes que eles terminem de olhar a papelada – ele disse.

– Mesmo assim.

– Além disso, provavelmente ganhamos demais para qualificar para assistência.

– Mesmo assim.

Eles se olharam por alguns longos segundos. Finalmente, meu pai concordou com a cabeça.

Fomos para um escritório chamado “Serviço Social” para saber mais sobre a ajuda. Meu pai preencheu vários formulários enquanto Robin e eu ficamos sentados numa cadeira laranja dura. Então fomos a três lojas de ferramentas onde meu pai deixou seu currículo. Ele resmungou sobre todo o combustível que a gente gastou. Para animá-lo eu disse que talvez a gente pudesse dar água para o carro em vez de gasolina. Ele riu um pouco.

– Não ter trabalho suficiente dá trabalho demais – ele disse à minha mãe quando ela voltou para o carro depois do trabalho.

Ele inspirou profundamente e soltou o ar com força, como se estivesse encarando um bolo de aniversário com velas demais.

– Pai? – eu disse. – Tô com um pouco de fome.

– Eu também, amigão – ele disse. – Eu também.

– Quase esqueci – minha mãe disse, enfiando a mão na sacola dela. – Peguei alguns *bagels* que o chef ia jogar fora. – Ela puxou um saco de papel branco. – Mas estão meio dormidos. E são de centeio.

– Bom, já é um começo – disse meu pai. Ele olhou para fora da janela. Depois de um momento, bateu as mãos uma vez. – Certo. O show tem que começar. Acho que não podemos enrolar mais.

Minha mãe pôs a mão no ombro dele.

– Tem certeza disso, Tom? – ela perguntou. – Eu recebo meu salário amanhã.

Podemos ir para o banco de alimentos. Ou para o abrigo.

– Não. Eu cuido disso. – Ele sorriu, mas não pareceu um sorriso de verdade para mim. – Eu prefiro cantar um pouco do que ficar de pé em outra fila inacabável em algum escritório, esperando esmola.

A gente voltou para trás do Denny's. Meu pai encontrou uma caixa grande e limpa na lixeira.

– Você está fazendo uma placa de esmola? – eu perguntei.

Ele tinha falado sobre isso com a minha mãe várias vezes desde que nosso dinheiro tinha sido roubado.

– Como vou cantar pelo nosso jantar – ele disse enquanto rasgava a caixa em pedaços –, prefiro chamar de “pedido por gratificações”.

– O que é uma gratificação? – perguntei.

– Uma gorjeta. Dinheiro que você dá para um garçom – minha mãe explicou. – Quando éramos jovens, seu pai e eu fomos cantores de rua antes de conseguir shows regulares. Muitos músicos fazem isso.

– Eu descobri a fórmula exata – disse meu pai. – Primeiro, você precisa de uma placa de papelão. Depois, de um cruzamento movimentado. As melhores esquinas são as que têm semáforos demorados.

– Talvez não atrapalhe levar Aretha – minha mãe disse.

– As pessoas adoram cachorros – eu disse ao meu pai. – Aposto que você vai conseguir mais dinheiro com um cachorro.

– Emprста uma canetinha, Jackson? – meu pai perguntou.

Eu dei minha canetinha azul para ele.

– Aquele cara na esquina da Target tem um filhotinho.

Meu pai examinou o retângulo de papelão.

– Sem filhotes de enfeite.

– Escreva “Deus te abençoe”, pelo menos – pediu minha mãe. – Todo mundo escreve “Deus te abençoe”.

– Não. Acontece que eu não tenho ideia do que Deus anda fazendo.

Minha mãe suspirou.

Meu pai rabiscou alguma coisa no papelão, como se estivesse com pressa de ir a outro lugar. Ele ergueu a placa e perguntou o que a gente achava.

Não respondi imediatamente. No segundo ano, meu pai tirou nota três em caligrafia – que é como você desenha suas letras. Ele não melhorou com a idade.

– O que tá escrito? – perguntei.

– MUITO OBRIGADO.

– Parece MUITO CANSADO.

Ele deu de ombros.
– Melhor ainda.

25

Fomos para uma esquina movimentada e estacionamos ao lado de um Starbucks. O dia estava fresco e chuvoso.

– Tem certeza? – minha mãe perguntou. – Deixe eu ir com você.

– Não vai ser a primeira vez que faço um show ao ar livre – meu pai respondeu. – E você não pode vir comigo. Alguém tem que ficar com as crianças.

A gente esperou na minivan, olhando enquanto ele atravessava a rua. Ele levou a placa e o violão, mas não Aretha.

Meu pai ficou parado na faixa que dividia as pistas ao lado de uma sinalização de curva à esquerda. Apoiou a placa de MUITO OBRIGADO na maleta do violão.

Não podíamos ouvi-lo cantando. Tinha trânsito demais.

– Ele precisa fazer contato visual – minha mãe disse.

O semáforo ficou vermelho e uma fila de carros se formou ao lado do meu pai. Alguém buzinou e meu pai ergueu os olhos. Um motorista de táxi entregou algum dinheiro para ele.

A próxima vez que o semáforo ficou vermelho, um motorista numa caminhonete deu umas moedas a meu pai. Quando a luz ficou verde, a maioria das pessoas só passou reto, seus olhos na estrada à frente. Mas algumas sorriram ou acenaram com a cabeça.

Vermelho. Verde. Vermelho. Verde. Passou uma hora. Quando entrou de novo na minivan, meu pai cheirava a um escapamento de carro. Ele passou um punhado de notas amassadas e algumas moedas para a minha mãe.

– Dez míseros dólares e uns trocados.

– Está começando a chover forte – minha mãe comentou. – As pessoas não gostam de abrir a janela quando chove. – Ela olhou para os dólares molhados. – Podemos tentar na frente do shopping. Talvez só seja uma esquina ruim.

Meu pai balançou a cabeça.

– Talvez seja uma ideia ruim.

– Precisamos da chuva – eu disse. – Por causa da seca e tudo o mais.
– Bem notado – meu pai concordou. – Vamos ver a situação pelo lado positivo do Jackson.

Depois de um tempo, a chuva foi parando até virar garoa. Fomos a um parque para que minha mãe e Robin pudessem pegar um pouco de ar fresco. Ela disse que Robin estava enlouquecendo de ficar tanto tempo no carro.

– Você não quer vir também, Jackson? – Minha mãe perguntou quando abria o cinto da cadeirinha de Robin.

– Não. Molhado demais – eu disse.

– Vocês duas vão encharcar – meu pai avisou.

– A Robin está ficando agitada – minha mãe disse. – Podemos secar nossas roupas em cima do carro quando fizer sol.

– O dia fica cada vez melhor.

Minha mãe se inclinou para a frente e beijou a bochecha do meu pai, que tinha um pouco de barba por fazer.

– Bons tempos – ela disse.

Eu fiquei na minivan com meu pai. Aretha, que cheirava um pouco mal, estava dormindo no banco de trás.

Decidi desenhar uma placa nova. Uma melhor, como a que minha mãe tinha feito para a porta do nosso banheiro.

Rasguei um pedaço de papelão da minha caixa de dormir. Então desenhei um peixe sorridente sentado numa canoa. Ele estava segurando uma vara de pescar e usando um chapéu de aba larga. Em letras grandes, eu escrevi: EU PREFERARIA ESTAR PESCANDO.

Meu pai estava cochilando no banco do motorista. Seus olhos estavam fechados, mas ele não estava roncando. Então eu sabia que não era sério. Cutuquei-o com a placa.

– Tente usar esta da próxima vez, pai.

Ele piscou, esfregou os olhos e pegou a placa das minhas mãos. Por um longo tempo, só a encarou.

– Ótimo trabalho – disse, enfim. – Gostei do bigode na truta. Um toque legal. Mas, só pra você saber, “preferiria” é com “i”. Ah... não importa. Está ótimo, garoto. Obrigado.

– Se ficar molhado, a gente pode pegar mais papelão e fazer uma nova.

Meu pai colocou a placa com cuidado no banco do passageiro. Então abriu a porta e saiu do carro. Havia um pouco de neblina. As folhas estavam brilhantes e úmidas.

Minha mãe diz que só viu meu pai chorar três vezes. Quando eles se casaram, e quando Robin e eu nascemos.

Eu vi meu pai se apoiar contra o capô do nosso carro e cobrir os olhos com a mão.

Seu rosto estava úmido, mas eu disse a mim mesmo que provavelmente era só chuva.

26

No dia seguinte, durante a hora do rush, meu pai voltou para a mesma esquina com sua nova placa. Chuviscava de novo, e as nuvens cinzas estavam baixas no céu. Eu esperei no carro com minha mãe e Robin e Aretha.

Minha mãe tinha acabado de sair do trabalho na farmácia. Ela contou que dois funcionários não foram trabalhar porque estavam doentes, e por isso ela era a única caixa. As pessoas na fila estavam emburradas, ela disse. Por que elas não podiam simplesmente ler uma revista e esperar sua vez?

Um motorista numa picape vermelha abaixou o vidro. Ele sorriu e disse algo ao meu pai. Eles acenaram com a cabeça um para o outro. Meu pai colocou a placa embaixo do braço e abriu as mãos até que elas ficaram a cerca de um metro uma da outra.

– Aposto que o pai está contando sobre aquela truta no lago – eu disse para a minha mãe.

Ela sorriu.

– E exagerando.

– Isso é o mesmo que mentir? – eu perguntei.

– Não quando tem a ver com peixes – minha mãe respondeu.

Quando o semáforo abriu, o motorista deu dinheiro para o meu pai e acenou enquanto se afastava. Depois de mais ou menos uma hora, ele tinha coletado um monte de notas. E uma xícara grande de café e uma sacola com duas fatias de bolo de limão.

Minha placa estava toda ensopada.

Minha mãe alisou as notas no colo.

– Cinquenta e seis dólares – ela anunciou.

– E oitenta e três centavos – meu pai completou.

Meus pais beberam o café. Eu dividi o bolo com Robin. Então pulei para o banco de trás. O rabo de Aretha estava balançando, esperançoso.

Quando não tinha ninguém olhando, eu dei minha fatia inteira para ela.

Estava ventando e frio, e a chuva tinha voltado pra valer. Ouvimos rádio enquanto pequenos rios ziguezagueavam pelo vidro.

Um homem novo apareceu na esquina. A placa dele dizia: VETERANO – DEUS TE ABENÇOE. Um poodle minúsculo estava enfiado na jaqueta meio aberta dele.

– Acho que você deve levar Aretha da próxima vez, pai – eu disse. – Aposto que vai ganhar ainda mais dinheiro.

Ele não respondeu. Imaginei que estivesse ouvindo a locutora no rádio. Ela estava avisando que a probabilidade de chuva era de oitenta por cento, então era bom ficar dentro de casa naquela noite.

Um ônibus de excursão escolar parou no semáforo. As janelas estavam embaçadas. Vi algumas crianças e me abaixei, para o caso de conhecer alguma delas.

Alguém tinha desenhado uma carinha feliz com uma palavra ao lado. *Olá!*, eu achei que dizia, mas era difícil saber. Eu estava do lado de fora, então tudo estava ao contrário.

Aretha lambeu minha mão.

– Da próxima vez – minha mãe disse, apoiando a cabeça no ombro do meu pai –, vou eu.

– Não – ele respondeu, tão baixo que eu quase não ouvi. – Não vai.

27

Na noite seguinte, Crenshaw apareceu. Todo ele. Não só o rabo.

A gente estava numa parada na rodovia 101, sentados numa mesa de piquenique.

– *Cheetos* e água para o jantar – minha mãe disse, suspirando. – Sou uma mãe muito, muito ruim.

– Não há muitas opções numa máquina automática na 101 – meu pai disse.

Ele tinha pendurado um par de cuecas suas num arbusto próximo para secar. Às vezes a gente lavava nossas roupas nas pias dos banheiros. Tentei não olhar para as cuecas.

Depois de comer, fui para um gramado embaixo de um pinheiro. Eu me deitei e encarei o céu que escurecia. Podia ver meus pais, e eles podiam me ver, mas pelo menos eu sentia que estava um pouco separado.

Eu amava minha família. Mas também estava cansado da minha família. Estava cansado de sentir fome. Estava cansado de dormir numa caixa.

Sentia saudades da minha cama. Sentia saudades dos meus livros e Legos. Até sentia saudades da minha banheira.

Esses eram os fatos.

Uma brisa suave fez a grama dançar. As estrelas rodopiaram.

Ouvi o som de rodas no cascalho e me ergui, apoiado nos cotovelos. Reconheci o rabo primeiro.

– Miau – disse o gato.

– Miau – eu respondi, porque pareceu educado.

28

A gente morou na minivan por catorze semanas.

Alguns dias só dirigíamos de um lugar para outro. Alguns dias só estacionávamos e ficávamos sentados. Não estávamos indo para lugar nenhum. Sabíamos que não estávamos indo para casa.

Acho que *deixar* de ser sem-teto não acontece tudo de uma vez também.

Nós tivemos sorte. Algumas pessoas viviam em seus carros por anos.

Eu não estou olhando pelo lado positivo. Foi bem assustador. E fedido.

Mas meus pais cuidaram da gente o melhor que puderam.

Depois de um mês, meu pai consegui um emprego de meio período numa loja de ferramentas. Minha mãe pegou alguns turnos extra de garçoneiro, e meu pai continuou cantando por gorjetas. Toda vez que sua placa de pescaria ficava molhada, eu fazia uma nova. Eles começaram a guardar dinheiro devagar, um pouquinho de cada vez, para pagar o depósito de aluguel num apartamento.

Era um pouco como melhorar de uma gripe. Às vezes a gente sente que nunca vai parar de tossir. Outras vezes tem certeza de que amanhã é o dia em que finalmente estará bem.

Quando conseguiram guardar dinheiro suficiente, meus pais nos levaram para a Vila Lago dos Cisnes. Ficava a uns sessenta quilômetros da nossa casa antiga, o que significava entrar numa escola nova. Não me importei nem um pouco. Pelo mesmo estava voltando para a escola. Um lugar onde os fatos importavam e as coisas faziam sentido.

Em vez de uma casa, mudamos para um apartamento pequeno, com cara de cansado. Pra gente parecia um palácio. Um lugar onde a gente podia ficar aquecido e seco e seguro.

Eu comecei as aulas atrasado, mas depois de um tempo fiz amigos. Nunca contei para eles sobre a época em que ficamos sem casa. Nem para Marisol. Simplesmente não conseguia.

Se eu nunca falasse sobre isso, sentia que nunca poderia acontecer de novo.

29

Crenshaw e eu não conversamos muito durante aquelas semanas na estrada. Havia sempre alguém por perto para nos interromper. Mas tudo bem. Eu sabia que ele estava lá e isso era o suficiente.

Às vezes isso é tudo que a gente realmente precisa: de um amigo.

Quando penso naquela época, a coisa da qual mais me lembro é Crenshaw andando em cima da nossa minivan. Eu ficava olhando pela janela enquanto o mundo passava, e de vez em quando via um relance do rabo dele, batendo com o vento como a linha de uma pipa.

Então eu tinha esperança, por um tempo pelo menos, de que as coisas fossem melhorar, de que talvez, só talvez, qualquer coisa fosse possível.

30

Acho que, para a maioria das crianças, os amigos imaginários meio que se dissolvem como os sonhos. Eu perguntei para as pessoas quando seus amigos imaginários foram embora, e elas nunca parecem se lembrar.

Todo mundo diz a mesma coisa: eu só fiquei mais velho.

Mas eu perdi Crenshaw de repente, depois que as coisas voltaram ao normal. Como quando a gente tem uma camiseta preferida que sempre usou. Um dia a gente veste e surpresa: o umbigo está aparecendo. A gente não se lembra de ter ficado grande demais para a camiseta, mas lá está o umbigo, à mostra para todo mundo.

No dia que foi embora, Crenshaw foi para a escola comigo. Ele me acompanhava na maioria das manhãs, a não ser quando queria ficar em casa vendo reprises de desenhos. Nós paramos no parquinho. Eu estava contando a ele como queria um gato de verdade um dia.

Isso foi antes de descobrir que meus pais são extremamente alérgicos a gatos.

Crenshaw ficou de ponta-cabeça. Então virou uma estrela. Ele era excelente nisso.

Quando parou, me lançou um olhar mal-humorado.

– *Eu sou* um gato – ele disse.

– Eu sei – respondi.

– Sou um gato *de verdade*. – O rabo dele balançava para cima e para baixo.

– Quero dizer – eu corriji –, sabe, um gato que as outras pessoas consigam ver.

Ele bateu a pata numa borboleta amarela. Eu podia ver que estava me ignorando.

Vários meninos maiores, do quarto e do quinto anos, passaram por nós. Eles apontaram para mim e riram, fazendo aquele gesto de girar o dedo ao lado da cabeça.

– Com quem você tá falando, bobão? – um deles perguntou, então soltou uma bufada de desprezo.

Esse é o meu tipo menos preferido de risada.

Eu fingi que não ouvi. Me ajoelhei e amarrei meu tênis como se fosse uma

coisa muito importante que eu tinha que fazer.

Meu rosto estava quente. Meus olhos estavam molhados. Eu nunca tinha sentido vergonha de ter um amigo imaginário até aquele momento.

Eu esperei. Os meninos passaram por mim. Então eu ouvi outra pessoa se aproximando. Ela não estava andando. Era mais uma dança com pulinhos.

– Oi, eu sou Marisol – a garota disse. Eu a tinha visto no recreio antes. Ela tinha cabelo escuro, longo e emaranhado, e um sorriso largo meio incomum. – Tenho uma mochila de Tiranossauro Rex igual a sua. Vou ser paleontologista quando crescer. Isso significa...

– Eu sei o que significa – eu disse. – Quero ser um também. Ou talvez um cientista de morcegos.

O sorriso dela ficou ainda maior.

– Eu sou Jackson – disse, e fiquei de pé.

Quando olhei ao redor, percebi que Crenshaw tinha desaparecido.

31

Quando eu pensava sobre essa época, me perguntava às vezes se não estava meio velho para ter um amigo imaginário. Crenshaw só apareceu na minha vida no fim do primeiro ano.

Então um dia na biblioteca, eu pesquisei. Alguém fez um estudo sobre crianças e seus amigos imaginários. O fato é que 31 por cento delas tiveram um amigo imaginário aos seis ou sete anos, mais até que aos três ou quatro anos. Talvez eu não estivesse tão velho, afinal. De qualquer modo, Crenshaw chegou no momento certo. Apareceu na minha vida bem quando precisei dele. Era um bom momento para ter um amigo, mesmo que ele fosse imaginário.

parte três

“O mundo é para você ter algo em que pisar.”

Um buraco é para cavar: Primeiro livro de primeiras definições, escrito por
Ruth Krauss e ilustrado por Maurice Sendak

Me ocorreu que o retorno de Crenshaw – a noite do banho de espuma felino, como eu passei a chamá-la – podia ser um sinal de que eu estava certo sobre meus pais. Ia acontecer de novo – a mudança, a loucura. Talvez até ficar sem casa.

Eu disse a mim mesmo que só precisava encarar os fatos e fazer o melhor que pudesse. Não seria a primeira vez que a gente passava por momentos difíceis.

Mesmo assim. Eu estava animado para ter a sra. Leach como professora no quinto ano. Todo mundo dizia que ela gostava de explodir coisas nos experimentos de Ciências. E meu negócio de passeio de cães com a Marisol estava indo bem. E eu estava ansioso para visitar o novo parque de skate quando ficasse pronto em janeiro. E talvez até entrar num time de futebol, se a gente conseguisse dinheiro para um uniforme.

Seria mais fácil para Robin. Ela podia ir para qualquer lugar e ficaria bem. Fazia amigos num instante. Não tinha que se preocupar com coisas reais.

Ainda era criança.

Eu estava deitado no colchão enquanto continuava crescendo a lista de coisas de que eu sentiria falta. Mandeí meu cérebro me dar uma folga. Às vezes funciona.

Dessa vez, não muito.

No ano anterior, o diretor da escola disse que eu era uma “alma velha”. Perguntei o que isso queria dizer, e ele disse que eu parecia sábio para alguém da minha idade. Disse que era um elogio. Que gostava de como eu sempre sabia quando alguém precisava de ajuda com as frações. Ou como eu esvaziava o apontador sem que ninguém pedisse.

É assim que eu sou em casa também. A maior parte do tempo, pelo menos. Às vezes, me sinto a pessoa mais adulta na casa. E é por isso que achava que meus pais deveriam saber que podiam falar comigo sobre coisas de gente grande.

E por isso que eu achava que eles deviam me falar a verdade sobre a mudança.

No outono passado, um guaxinim grande entrou no nosso apartamento por uma janela aberta. Eram duas da manhã. Aretha latiu como uma maníaca e todos

corremos para ver o que estava acontecendo.

O guaxinim estava na cozinha, examinando um osso de Aretha. Segurava-o nas mãozinhas com orgulho, como se tivesse descoberto um grande diamante marrom. Não estava com nem um pouco de medo de nós.

Ele deu uma mordida cuidadosa no seu diamante. Parecia feliz por a gente ter se juntado a ele para o jantar.

Aretha pulou no sofá. Estava latindo tão alto que achei que minhas orelhas fossem cair.

Robin correu para pegar o seu carrinho de boneca, caso o guaxinim quisesse dar uma volta. Minha mãe ligou para a polícia para relatar uma invasão.

Meu pai, que só estava usando calças de pijama, ligou a guitarra elétrica e fez um som de rachar o ouvido para assustar o guaxinim.

– Não ouse se aproximar desse animal – minha mãe avisou Robin. Ela apontou para o celular e nos silenciou. – Sim, policial, isso. Lua Quieta, 68, apartamento 132. Não, ele não está atacando ninguém. Está comendo ração de cachorro. Dog Chow, na verdade. Não da úmida. Crianças, fiquem longe. Ele pode ser raivoso.

– Ele não é maldoso, mamãe – Robin disse enquanto empurrava seu carrinho em círculos pela sala. – Tenho quase certeza de que é bonzinho.

Por um tempo eu só assisti a todos eles enlouquecerem. Foi bem divertido.

Finalmente, eu assoviei.

Eu tinha um assovio bom para uma criança. Usei os dedinhos.

Todo mundo parou e me encarou. Até o guaxinim.

– Gente, sentem no sofá – eu disse. – Eu cuido disso.

Fui até a porta da frente e a abri.

Foi tudo o que eu fiz. Só abri a porta.

Um pouco de neblina entrou em casa. Os sapos coaxaram. O mundo lá fora estava calmo.

Todo mundo estava sentado no sofá. Eu mantive Aretha quieta com um brinquedo de morder. Ele estava coberto de baba de cachorro.

A gente observou o guaxinim terminar de comer. Quando terminou, ele passou calmamente por nós como se fosse o dono da casa e foi na direção da porta aberta. Olhou por cima do ombro antes de sair. Eu quase podia ouvi-lo resmungar: “Da próxima vez, vou para uma casa diferente. Essa família é louca”.

Nos últimos dias, eu sentia que tinha que estar em constante alerta para a próxima invasão de guaxinim.

33

No sábado de manhã, eu acordei, fui até a sala e encontrei um enorme espaço vazio no lugar onde ficava a nossa TV. A sala parecia pelada sem ela.

Meu pai estava fazendo café da manhã. Panquecas e bacon. Fazia tempo que a gente não comia panquecas e bacon.

Robin estava sentada na mesa da cozinha. Aretha estava babando, e o queixo de Robin estava melado de calda.

– O papai fez panquecas no formato de R. De Robin.

– Você tem preferência de letra? – meu pai me perguntou.

Ele estava usando a bengala, o que queria dizer que não estava se sentindo bem.

– Você tá bem? – eu perguntei.

– A bengala? – Ele deu de ombros. – Só uma pequena garantia.

Eu o abracei.

– Panquecas redondas, simples, seria ótimo – eu disse. – Cadê a mãe?

– Pegou um turno extra na lanchonete.

– O papai vendeu a TV para Marisol – Robin contou. Ela estendeu o lábio inferior para a gente saber que não estava feliz.

– Marisol? – repeti.

– Encontrei o pai dela quando estava tirando o lixo – meu pai disse enquanto despejava círculos perfeitos de massa numa frigideira. – Estávamos falando sobre o jogo de hoje e de como a TV dele está quebrada, e uma coisa levou a outra. Ele tinha o dinheiro, eu tinha a TV, e o resto é história.

– Mas como você e eu vamos ver o jogo? – eu perguntei.

– Vamos na Best Buy.

Eu peguei uma fatia de bacon.

– O que isso significa?

Meu pai ajustou a temperatura do fogão.

– Você vai ver. Quem quer, consegue.

– Aretha gostava de assistir a *George, o curioso* – Robin disse.

Ela abaixou o prato e Aretha o lambeu até ficar limpo.

– Talvez você goste de saber que *George, o curioso* nasceu como personagem num livro – disse meu pai enquanto virava uma panqueca. – De qualquer modo, essa família precisa passar mais tempo de qualidade juntos. Sabe... jogando cartas, talvez. Ou Banco Imobiliário.

– Eu gosto de Supertrilha – Robin disse.

– Eu também. – Meu pai jogou um pedacinho de bacon para Aretha. – TV demais estraga seu cérebro.

– Você ama TV – eu disse enquanto colocava os pratos na lava-louças.

– É porque ela já estragou meu cérebro. Ainda há esperança pra vocês dois.

Não demorou muito para as minhas panquecas ficarem prontas.

– Bom trabalho com as panquecas – eu disse.

– Obrigado. Tenho talento pra isso. – Meu pai apontou a espátula na minha direção. – Eu encontrei Marisol quando Carlos e eu estávamos carregando a TV. Ela disse pra lembrar você sobre os bassês dos Goucher.

– É, a gente vai passear com eles amanhã.

– Os bassês são os salsichinhas? – Robin perguntou.

– Sim, madame. – Meu pai assentiu com a cabeça. – Sabe, Jacks, não tenho visto Dawan ou Ryan ou nenhum deles ultimamente. O que tá acontecendo?

– Sei lá. Dawan e Ryan estão no acampamento de verão. Todo mundo faz coisas diferentes nas férias.

Meu pai pôs uns pratos na pia. Ele estava virado de costas para mim.

– Sinto muito sobre o acampamento, Jacks. Não deu dessa vez.

– Não tem problema – eu disse rápido. – Estou ficando meio velho pra isso.

– É – meu pai respondeu, baixinho. – Isso acontece.

Eu encarei o vapor doce que subia das minhas panquecas. Tentei não pensar em Marisol assistindo a nossa TV, sentindo pena da gente enquanto jogávamos Supertrilha e comíamos flocos de trigo integrais em um boné de beisebol.

Então tentei não ficar irritado comigo mesmo por me preocupar com algo tão insignificante.

Apanhei meu garfo e minha faca e comecei a cortar as panquecas.

– Uau! – meu pai disse. – Vai com calma, Zorro.

Olhei para ele, confuso.

– Quem é Zorro?

– Um cara mascarado. Bom com espadas. – Meu pai apontou para o meu prato.

– Você estava se empolgando um pouco com a faca.

Olhei para as minhas panquecas. Era verdade. Eu as tinha destrinchado. Mas não foi isso que atraiu minha atenção.

No meio do prato, cercadas por calda de chocolate, havia fatias de panqueca claramente formando oito letras: C – R – E – N – S – H – A – W.

Talvez fosse minha imaginação. Talvez não. De qualquer forma, eu as misturei antes que alguém reparasse.

Depois que minha mãe voltou pra casa, meu pai e eu fomos até a Best Buy. Passamos no banco e, enquanto meu pai esperava na fila, peguei dois pirulitos de graça, um para mim e um para Robin. Eu sempre escolhia roxo. Se não tinha roxo, podia ser vermelho também.

Não sou tão fã do amarelo.

Pensei que a gente tinha sorte de viver no norte da Califórnia. É muito bonito, tirando quando há incêndios florestais ou deslizamentos de terra ou terremotos. Melhor ainda, é um ótimo lugar para encontrar comida de graça, se souber onde procurar. A feira de produtores no estacionamento do Centro Cívico é um bom lugar porque eles te dão amostras grátis, coisas como mel num canudo ou pé de moleque. Mercarias são boas também, aquelas onde tem gente dando pedaços de melão num palito de dente. A loja de ferramentas do bairro dá saquinhos de pipoca aos sábados, então é uma boa opção, se chegar cedo o suficiente.

Se estivesse passando fome, aposto que não ia querer viver no Alasca. Provavelmente não tem tantas feiras ao ar livre por lá. Embora no Alasca haja ursos-pardos. Eu gostaria muito de conhecer um deles.

De uma distância segura. As garras das patas da frente de um urso-pardo podem ter até dez centímetros de comprimento.

Por aqui, é mais provável passar fome no inverno que no verão. A maioria das pessoas não esperaria isso, mas durante o ano escolar você pode ganhar café da manhã grátis e almoço e às vezes lanchinhos depois da aula. Ano passado eles cancelaram as aulas de verão porque não tinham dinheiro suficiente. Isso significa ficar sem café da manhã e sem almoço quando as aulas acabam.

Tem comida de graça no banco de alimentos do centro comunitário, mas ele fica bem longe. Meu pai não gosta de ir lá. Ele diz que não quer tirar comida de pessoas que realmente precisam dela. Mas acho que talvez ele não goste de ir porque todo mundo na fila parece muito cansado e triste.

Depois do banco, a gente foi para a Best Buy, que é uma loja gigante cheia de TVs e computadores e celulares e coisas do tipo.

Havia duas longas fileiras de TVs. Algumas eram enormes, mais altas que

Robin, e todas estavam ligadas no mesmo canal. Acho que tem um monte de fãs do Giants trabalhando naquela loja.

Quando um dos jogadores fez um lançamento, vinte bolas voaram através de vinte telas. Numa das TVs o céu era de um azul mais escuro. Em outra, o campo era de um verde mais suave. Mas os movimentos, eram todos iguais. Parecia uma casa de espelhos num parque de diversões.

Várias pessoas pararam para assistir ao jogo com a gente. Os vendedores assistiam também, quando ninguém estava olhando. Quando um deles perguntou ao meu pai se ele tinha alguma dúvida sobre as TVs, ele disse que a gente só estava olhando.

Durante o quarto tempo, uma coisa estranha aconteceu. Extremamente estranha. Na TV de todo mundo, havia dois locutores sentados numa cabine. Eles usavam fones de ouvido pretos, e estavam bem animados por causa de uma jogada tripla.

Na minha TV havia dois locutores sentados numa cabine. Eles tinham fones de ouvido pretos e estavam animados também.

Mas, na minha TV, um dos locutores era um gato. Um gato grande.

– Crenshaw – sussurrei.

Ele estava olhando diretamente para mim. Acenou com a pata.

Eu olhei para a TV do meu pai. Parecia com todas as outras TVs.

Nenhum dos locutores era um gato gigante.

– Pai. – A palavra saiu meio engasgada.

– Você viu aquela jogada? – ele perguntou. – Incrível.

– Eu vi.

Eu vi outra coisa também. Crenshaw estava levantando dois dedos, fazendo chifrinho atrás da cabeça do outro locutor.

“Estranho”, eu pensei, “um gato ter dedos”. Eu tinha esquecido que Crenshaw tinha.

“Estranho”, eu pensei, “eu estar preocupado com *isso*”.

– Você não viu, viu? – eu perguntei numa voz casual. – Aquele gato?

– Gato? – meu pai repetiu. – Você quer dizer no campo ou algo assim?

– O gato de ponta-cabeça – eu respondi. Porque era isso que Crenshaw estava fazendo. Estava plantando bananeira na mesa. E ele era bom nisso também.

Meu pai sorriu.

– O gato de ponta-cabeça – ele repetiu. E olhou para a minha TV. – Certo.

– Tô brincando com você – eu disse. Minha voz estava tremendo só um pouquinho. – Eu, hã... mudei o canal. Estava passando o comercial novo da

Friskies.

Meu pai bagunçou meu cabelo. Ele olhou para mim. Olhou *de verdade*, daquele jeito que só os pais conseguem.

– Está se sentindo bem, campeão? – ele perguntou. – Sei que as coisas estão um pouco loucas nos últimos tempos.

“Você não tem ideia”, eu pensei.

Eu abri um sorriso especialmente falso que usava com os meus pais de vez em quando.

– Tudo ótimo – eu disse.

O Giants ganhou, seis a três.

35

Quando o jogo acabou, a gente foi para a um pet shop. Durante o caminho todo eu pensei em Crenshaw.

Sempre há uma explicação lógica, eu disse a mim mesmo.

Sempre.

Talvez eu tivesse cochilado e sonhado com ele.

Ou talvez – só talvez – eu estivesse ficando completamente louco.

Meu pai estava cansado por ter ficado de pé tanto tempo na Best Buy, então eu disse que comprava a ração da Aretha.

– O pacote menor e mais barato – meu pai me lembrou.

– Menor e mais barato. – Eu concordei com a cabeça.

Estava fresco e silencioso lá dentro. Passei por todas as prateleiras de ração de cachorro. Algumas tinham peru e cranberry. Algumas tinham salmão ou atum ou búfalo para cachorros alérgicos a frango. Existia até ração de cachorro feita com carne de canguru.

Perto da comida, eu vi um cabideiro com casacos para cachorros. Eles diziam coisas como CACHORRO QUENTE OU TENHO UMA BOA PEGADA. Ao lado deles havia coleiras brilhantes e guias. “Aretha não sairia nem morta com uma dessas coisas”, pensei. Animais não ligam para brilhantes. Que desperdício de dinheiro.

Eu passei por uma vitrine com cookies para cães no formato de ossos e gatos e esquilos. Eles pareciam mais gostosos que alguns cookies para pessoas. E então, não sei por quê, minha mão começou a se mover. Eu apanhei um daqueles cookies estúpidos.

O cookie tinha o formato de um gato.

Quando percebi, o cookie estava no meu bolso.

No final do corredor, um vendedor num colete vermelho estava de quatro em frente aos brinquedos de cachorro. Ele estava limpando xixi de cachorro enquanto um filhote de poodle de algum cliente lambia o seu rosto.

– As coleiras estão com cinquenta por cento de desconto – o vendedor disse para mim.

Eu meio que congelei. Então disse que só estava olhando. Me perguntei se ele

tinha me visto pegar o cookie. Parecia que não. Mas eu não tinha certeza.

– Sabe, os cientistas descobriram que os cachorros talvez riam de verdade – eu disse. Minhas palavras saíam rápido, como moedas caindo de um bolso esburacado. – Eles fazem esse barulho quando estão brincando. Não estão exatamente ofegando. É mais como um sopro. Mas os cientistas pensam que pode ser risada de cachorro.

– Não brinca – o vendedor disse. Parecia mal-humorado. Talvez porque o filhote tivesse acabado de fazer xixi no sapato dele.

O filhote veio me cheirar. Ele estava arrastando um menino que parecia ter uns quatro anos. O menino usava pantufas de dinossauro. Seu nariz estava escorrendo.

– Ele tá balançando o rabo – o menino disse. – Gosta de você.

– Eu li em algum lugar que, quando o rabo de um cachorro balança para a direita, ele está se sentindo feliz com alguma coisa – eu disse. – Para a esquerda, não tanto.

O vendedor se levantou. Ele estava segurando um pedaço de papel-toalha, com o braço bem estendido, como se tivesse nas mãos um dejetto nuclear.

Eu me forcei a encará-lo. Me sentia quente e trêmulo.

– Onde fica aquela ração do pacote vermelho com listras verdes? – eu perguntei.

– Corredor nove.

– Você sabe bastante sobre cachorros – o menino disse para mim.

– Eu vou ser cientista de animais – eu contei para ele. – Tenho que saber muitas coisas.

– Eu estou com gripe, mas não é infecção – o menino disse, limpando o nariz com a parte de trás da mão. – Minha mãe está comprando comida para o King Kong. Ele é o nosso porquinho-da-índia.

– É um bom nome.

– E esse é Turbo.

– Também um bom nome.

Eu enfiei a mão no bolso e senti o cookie lá.

Meus olhos queimaram e ficaram embaçados. Eu funguei.

– Você tá gripado também? – o menino perguntou.

– Mais ou menos. – Deixei Turbo lambe minha mão e fui para o fundo da loja.

– Acho que ele tá balançando pro lado certo – o menino gritou.

36

Eu nunca tinha roubado nada antes da primavera passada. A não ser pelo incidente infeliz com o ioiô quando eu tinha cinco anos e tomei uma decisão errada.

Foi uma surpresa como eu era bom nisso.

É como quando a gente descobre um talento inesperado. Conseguir lambar o cotovelo, por exemplo. Ou abanar as orelhas.

Eu me sentia um mágico. Agora está aqui, agora não está. Veja o Incrível Jackson fazer essa moeda aparecer atrás da sua orelha! Veja esse chiclete desaparecer bem na frente dos seus olhos!

Chiclete é mais difícil do que parece. É do tamanho perfeito para deslizar para dentro do bolso. Mas geralmente está bem ao lado do caixa. Então é mais fácil para o funcionário ver se tem alguém fazendo algo errado.

Eu só tinha furtado três vezes. Duas para conseguir comida para Robin, e uma para pegar um chiclete para mim.

E agora o cookie para cachorro.

Eu comecei com potes de papinha para bebê. Apesar de ter cinco anos, Robin gostava de comer isso às vezes. Nem era a de frutas, mas daquele sabor de carne fedida.

Não me pergunte por quê. Eu nunca vou entender essa garota.

A gente tinha parado numa mercearia porque Robin tinha que ir ao banheiro. Ela queria alguma coisa pra comer, mas minha mãe disse pra esperar até mais tarde. Enquanto elas foram procurar o banheiro, eu andei pelos corredores para passar o tempo.

E então vi a papinha de bebê. Enfiei dois potes de sabor frango e arroz nos bolsos. E foi rápido e fácil.

Parece que ninguém notou. Quem imaginaria que uma criança da minha idade roubaria algo que parece meleca marrom?

No próximo corredor, passei por um garoto da minha escola com o pai dele. Paul alguma coisa. Ele estava empurrando o carrinho de compras deles. Eles tinham um pacote gigante de batata sabor churrasco e aquelas limonadas em

caixinhas e uma sacola gigante de maçãs vermelhas.

Eu dei um aceno, bem casual. Um aceno do tipo não-é-como-se-eu-estivesse-fazendo-algo-errado-nem-nada. Paul acenou de volta.

Atravessei a porta com Robin e minha mãe, tranquilo. Nenhum raio desceu dos céus para me fuzilar. Nenhum carro de polícia veio correndo com sirenes uivando como coiotes.

Mais tarde, em casa, fingi encontrar os potes no fundo de um armário. Minha mãe ficou bem feliz, e Robin também.

Foi surpreendente como a mentira veio fácil. Era como abrir uma torneira. As palavras fluíram sem problemas.

Eu me senti culpado por não me sentir culpado. Quer dizer, eu tinha roubado. Tinha pegado algo que não era meu. Eu era um criminoso.

Mas disse a mim mesmo que, na natureza, o mais forte sobrevive. Comer ou ser comido. Matar ou ser morto.

Sempre dizem essas coisas nos documentários de natureza. Logo depois que o leão come a zebra.

É claro que eu não era um leão. Era uma pessoa que sabia diferenciar certo e errado. E roubar era errado.

Mas a verdade era esta: eu me sentia mal por ter roubado. Mas me sentia ainda pior por causa da mentira.

Se você gosta de fatos como eu, tente mentir uma hora dessas. Vai ficar surpreso com como é difícil.

Mesmo assim. Mesmo que me sentisse péssimo, eu tinha resolvido um problema.

Robin engoliu toda aquela gosma de frango e arroz tão rápido que vomitou a maior parte em cima do meu livro sobre guepardos. Pensei que talvez fosse o meu castigo.

Quando voltamos do pet shop, fui para o meu quarto, quase esperando ver Crenshaw se espreguiçando na minha cama. Em vez disso, encontrei Aretha. Seu nariz estava enfiado na minha sacola de recordações, e ela tinha uma expressão culpada no rosto. Com certeza tinha algo na boca, mas eu não conseguia ver o que era.

– Deixe eu ver – eu disse. Tirei do bolso o cookie roubado. Estava meio amassado de um lado. Eu o estendi para que Aretha soltasse o que quer que tivesse na boca e pegasse o cookie. Mas ela não estava interessada.

Provavelmente não queria comer itens roubados.

Aretha se esgueirou em direção à porta do quarto, o rabo arrastando atrás dela, e eu vi o que ela estava segurando. Era a estátua de argila de Crenshaw que eu tinha feito, apertada entre os dentes.

– Você não quer essa coisa velha – eu disse, mas ela parecia discordar.

Assim que saiu do quarto, galopou pelo corredor e arranhou a porta da frente insistentemente.

– Quer sair, bebê? – Robin perguntou. Ela virou a maçaneta e Aretha disparou para fora.

– Aretha! Pare! – eu gritei.

Normalmente ela esperava por mim na porta, balançando o rabo, esperançosa. Hoje não.

Eu agarrei a coleira dela. Ela estava indo direto para a casa de Marisol, que ficava a cerca de meio quarteirão da nossa. Aretha amava Marisol, e amava em especial os sete gatos de Marisol, que gostavam de tomar banho de sol na varanda atrás da cerca do jardim.

Encontrei Aretha na antiga caixa de areia de Marisol. Marisol não a usava mais, mas Aretha a adorava. Já estava cavando um buraco. A areia era jogada para o alto como água de um regador de jardim.

Aretha era uma escavadora profissional. Ela já tinha enterrado duas vasilhas de água, um controle remoto da TV, uma caixa de pizza, um saquinho de Lego, três *frisbees*, e duas das minhas pastas de lição de casa. Não que meus professores

acreditassem em mim.

Marisol estava usando chinelos e um pijama com ovelhas bocejantes. Ela amava pijamas. No primeiro ano, ia para a escola de pijama todo dia até que o diretor disse que ela estava dando um mal exemplo.

Na mão esquerda, Marisol tinha uma enorme serra. Seu cabelo estava coberto de serragem. Ela quase sempre cheirava a madeira recém-cortada.

Marisol adorava construir coisas, especialmente coisas para animais e pássaros e répteis. Ela fazia casas de pássaros e abrigos para morcegos. Caixas de transporte de cães e árvores de gatos. Hábitats para hamsters e casinhas para furões.

No fundo do jardim cercado havia tábuas, um cavalete e uma grande serra circular. Uma coisa parecida com uma casinha estava no chão, meio construída. Era para um dos gatos dela.

– Oi – eu disse.

– Oi – ela respondeu. – Pronto para a venda de garagem?

– Acho que sim.

– Aretha me trouxe aquilo – Marisol disse. Ela apontou para a estátua de Crenshaw, que estava sobre a mesa de piquenique. – Soltou bem na minha frente.

– Eu fiz isso quando era pequeno – eu disse, dando de ombros. – É bobo.

– Se você fez, não é bobo – Marisol disse.

Ela pôs a serra na mesa e examinou a estátua.

Aretha parou de cavar e ergueu os olhos para a gente, esperançosa. Sua cara estava coberta de areia. A língua pendia para o lado.

– É um gato – Marisol disse, tirando um pedaço de grama de baixo da estátua.

– Um gato de pé com um boné de beisebol. Gostei. Gostei muito.

Dei de ombros, com as mãos nos bolsos.

– Era para a venda de garagem? – Marisol perguntou. – Quanto é?

– Não está à venda. Aretha só entrou na minha sacola de coisas.

– Eu tenho três dólares.

– Por isso? – Eu ri. – É só, sabe, um pedaço de argila. Um trabalho de escola qualquer.

– Eu gostei. É... intrigante. – Marisol enfiou a mão no bolso do pijama. Ela me estendeu um rolinho de notas que parecia ter passado pela máquina de lavar.

– Pode ficar – eu disse. – Considere um presente de despedida.

Ela arregalou os olhos.

– Do que você tá falando, Jackson? Você não vai...

Eu fiz um aceno com a mão.

– Não. Talvez não seja nada. Meus pais só estão sendo estranhos, como sempre.

Não era verdade, não completamente. Mas não era mentira também.

– É melhor você não se mudar! Eu ia sentir muito sua falta. Quem ia me ajudar com o Caminhada Quatro Patas? E enfim, eu amo seus pais estranhos.

Eu não respondi.

– A gente tem os bassês amanhã – Marisol disse.

– Sim. – Apontei para uma escada em zigue-zague em miniatura que ela estava construindo. – Para onde é isso?

– Para o quarto antigo do Antônio, quando ele for para a faculdade esse ano. Ou talvez do Luís. O quarto dele só tem um monte de caixas.

– É como se você fosse filha única – eu disse.

– É meio chato – Marisol disse, pondo uma mecha de cabelo atrás da orelha. – Não tem ninguém com quem brigar. É quieto demais.

– Parece ótimo.

– Eu gosto do seu apartamento. Tem sempre alguma coisa acontecendo. Aqui às vezes fico só eu e a Paula por dias inteiros. – Ela revirou os olhos.

O pai de Marisol era vendedor e sua mãe era piloto. Eles viajavam bastante, então Paula, uma mulher mais velha, ficava com Marisol muitas vezes. Marisol se recusava a chamá-la de “babá”, “ama” ou “cuidadora”. Ela era só “Paula”.

Marisol pegou uma fita métrica para verificar a altura da escada que estava fazendo.

– Vou prender a escada à parede, tá vendo? Assim. E então pôr prateleiras lá no alto para os gatos escalam. Vai ser um paraíso para gatos.

– Falando em gatos... – Eu me abaixei para encher o buraco que Aretha tinha feito. A areia estava macia e seca. – Eu já te contei que... – Hesitei, então continuei: – Eu já te contei que tinha um amigo imaginário quando era pequeno?

– Sério? Eu também. O nome dela era Opa. Ela tinha cabelo ruivo e era extremamente travessa. Eu a culpava por tudo. Quem era o seu?

– Ele era um gato. Um gato grande. Não lembro muita coisa sobre ele.

– Você nunca devia esquecer seu amigo imaginário.

– Por que não?

– E se precisar dele um dia? – Marisol pegou um pedaço de madeira. – Eu lembro de tudo sobre a Opa. Ela gostava de comer espinafre.

– Por quê? – Eu fingi vomitar.

– Provavelmente porque eu gosto de espinafre.

– Você nunca me contou isso. Talvez eu tenha que reconsiderar nossa amizade.
– Por causa da Opa? Ou do espinafre? – Ela puxou um prego da tábua com um martelo. – Ei, um fato novo sobre morcegos. Em Austin, no Texas, eles têm a maior colônia urbana de morcegos do mundo. Tipo, um milhão e meio de morcegos. Quando eles voam à noite, dá pra ver os morcegos nos radares do aeroporto.

– Legal – eu disse. – A senhorita Malone adoraria ver isso.

Marisol e eu tivemos aula com a srta. Malone no quarto ano. Ela ensinava todas as matérias, mas sua preferida era Ciências. Biologia, especialmente.

A gente conversou sobre morcegos enquanto assistíamos a Aretha cavar outro buraco. Por fim, eu disse: – Bom, tenho que ir.

Coloquei a coleira na Aretha. Ela lambeu minha bochecha com a língua coberta de areia. Parecia língua de gato.

– A Opa alguma vez... sabe? – Eu me obriguei a fazer a pergunta. – Ela voltou alguma vez depois que você ficou velha demais pra ter amigos imaginários?

Marisol não respondeu imediatamente. Às vezes ela deixava uma pergunta se acomodar, como se precisasse de algum tempo para se acostumar com ela.

– Bem que ela *podia* voltar – Marisol respondeu, me olhando. – Acho que você ia gostar dela.

Eu concordei com a cabeça.

– É. Acho que eu podia relevar essa história do espinafre.

– Jackson?

– Hum?

– Você não está se mudando, está?

Eu examinei a pergunta dela como ela tinha examinado a minha.

– Provavelmente não – eu falei, porque era fácil, e fácil era tudo o que eu conseguia dizer naquele momento.

Aretha e eu estávamos quase no jardim quando Marisol chamou: – Ela precisa de um nome.

– A estátua, você quer dizer?

– É. Algo único.

– Como quer chamá-la? – eu perguntei.

Ela não respondeu de imediato. Pensou por um tempo.

Por fim disse:

– Acho que Crenshaw seria um bom nome para um gato.

Eu atravessei a rua. Duas vezes olhei para trás. Marisol acenou.

Crenshaw.

Devia estar escrito embaixo da estátua. Pela minha professora ou minha mãe ou por mim.

Sempre há uma explicação lógica, eu disse a mim mesmo.

Sempre.

39

Naquela noite eu sentei no colchão e encarei o que tinha sobrado do meu quarto. Minha antiga cama, no formato de carro de corrida vermelho, que tinha ficado pequena demais para mim há anos, estava em pedaços. Um adesivo na cabeceira dizia 25 dólares ou a melhor oferta. Marcas no carpete indicavam o que costumava haver lá. Um quadrado onde deveria estar meu criado-mudo. Um retângulo onde ficava minha cômoda.

Meus pais entraram depois que Robin foi dormir.

– Como você tá, campeão? – meu pai perguntou. – Definitivamente tem mais espaço, hein?

– É como acampar – eu respondi.

– Sem os mosquitos – minha mãe disse.

Ela me estendeu uma xícara de plástico com água. Eu a deixava ao lado da cama caso ficasse com sede durante a noite. Ela fazia isso desde que eu conseguia me lembrar. A xícara, que tinha uma imagem de Thomas, o trenzinho, era provavelmente tão velha quanto eu.

Meu pai bateu no colchão com a bengala.

– Vamos fazer a próxima cama mais séria.

– Não um carro de corrida. – Minha mãe concordou com a cabeça.

– Talvez uma perua – meu pai sugeriu.

– Que tal só uma cama em formato de cama? – perguntei.

– Com certeza. – Minha mãe se inclinou e passou os dedos pelo meu cabelo. – Uma cama em formato de cama.

– A gente deve ganhar uns trocados na venda – meu pai disse. – Pelo menos isso.

– São só coisas – minha mãe disse baixinho. – Sempre podemos comprar coisas novas.

– Não tem problema. Eu gosto do espaço – eu disse. – Acho que Aretha gosta também. E Robin pode praticar seus lançamentos sem derrubar nada.

Ambos sorriram. Por alguns instantes, nenhum dos dois falou nada.

– Certo, vamos te deixar dormir – minha mãe disse enfim.

Quando foi se virar para sair, meu pai disse:

– Sabe, você é de grande ajuda, Jackson. Nunca reclama e está sempre pronto para colaborar. A gente aprecia muito isso.

Minha mãe jogou um beijo

– Ele é incrível mesmo – ela concordou. Piscou para o meu pai. – Vamos ficar com ele.

Eles fecharam a porta. Agora eu só tinha um abajur. A luz dele projetava uma careta amarela no carpete.

Fechei os olhos. Imaginei nossas coisas espalhadas no jardim amanhã. Minha mãe tinha razão, é claro. Eram só coisas. Pedacos de plástico e madeira e papelão e aço. Um monte de átomos.

Eu sabia muito bem que havia pessoas no mundo que não tinham Banco Imobiliário ou camas de carro de corrida. Eu tinha um teto sobre minha cabeça. Tinha comida na maior parte do tempo. Tinha roupas e cobertores e um cachorro e uma família.

Mesmo assim, sentia um aperto dentro de mim. Como se tivesse engolido uma corda cheia de nós.

Não era por perder minhas coisas.

Bom, tudo bem. Talvez isso contasse um pouco.

Não era por me sentir diferente das outras crianças.

Bom, tudo bem. Talvez isso também contasse.

Mas o que mais me incomodava era que eu não podia consertar nada. Não podia controlar nada. Era como dirigir um carrinho de bate-bate sem direção. Ficavam batendo em mim toda hora, e eu só podia ficar sentado e segurar firme.

Bam. Vamos ter comida suficiente amanhã? *Bam.* Vamos conseguir pagar o aluguel? *Bam.* Eu vou para escola ano que vem?

Bam. Ia acontecer de novo?

Eu respirei fundo. Para dentro, para fora. Meus punhos se apertaram e soltaram. Tentei não pensar em Crenshaw nem na TV nem no cookie de cachorro que tinha roubado.

Então, do mesmo modo como eu tinha pegado o cookie, sem entender por quê, sem pensar sobre as consequências, sem nenhuma *razão*, eu peguei minha xícara e a joguei contra a parede.

Bam. Ela se estilhaçou em cacos de plástico quebrado. Eu gostei do barulho que fez.

Esperei meus pais voltarem, perguntarem o que tinha acontecido, gritarem comigo por ter quebrado alguma coisa, mas ninguém veio.

A água escorreu pela parede, lentamente desaparecendo como um mapa antigo de um rio distante.

40

Eu acordei de madrugada, suado e assustado. Tinha tido um sonho. Algo sobre um gato gigante falante com uma barba de espuma.

Ah.

Aretha, que gosta de dividir meu travesseiro quando ela consegue fugir com ele, estava babando na fronha. Suas patas estavam tendo espasmos enquanto ela sonhava. Me perguntei se ela estava sonhando com Crenshaw. Parecia gostar dele.

Espere. Senti meu cérebro parar de repente, como um personagem de desenho animado prestes a cair de um penhasco.

Aretha tinha visto Crenshaw.

Pelo menos tinha reagido à presença dele. Tinha tentado lambe Crenshaw. Tinha tentado brincar com ele. Tinha sentido que ele estava lá.

Cachorros têm sentidos incríveis. Eles sabem quando uma pessoa vai ter uma convulsão. Conseguem ouvir sons quando a gente só ouve silêncio. Conseguem desenterrar um pedaço de cachorro-quente que está no fundo da lixeira do vizinho.

Mas, por mais incríveis que fossem, os cachorros não podiam ver o amigo imaginário de uma pessoa. Eles não podiam pular dentro do cérebro do dono.

Então isso queria dizer que Crenshaw era real? Ou Aretha só tinha reagido à minha linguagem corporal? Ela percebeu que eu estava surtando? Ou imaginou que eu tinha inventado uma brincadeira nova chamada “Vamos Brincar com o Gato Gigante Invisível”?

Tentei lembrar como ela tinha reagido quando estávamos morando na minivan. Ela tinha sentido a presença de Crenshaw?

Não conseguia lembrar. Não queria lembrar.

Cobri a cara com meu travesseiro babado e tentei dormir de novo.

41

– Croac – disse alguma coisa.

Abri os olhos. Havia um sapo na minha testa.

Ele parecia familiar. Como o visitante no batente que Crenshaw tinha tentado comer.

Virei a cabeça e o sapo pulou. A meu lado estava deitado um gato do tamanho de uma pessoa. Em cima de Crenshaw tinha um cachorro de tamanho médio. E em cima de Aretha estava sentado o sapo.

Dois deles estavam roncando.

Me apoiei nos cotovelos. Pisquei. Pisquei de novo.

Eu tinha deixado a janela aberta. Isso explicava o sapo. Não explicava o gato.

– Você voltou – eu disse.

– Bom dia – Crenshaw murmurou, os olhos ainda fechados.

Ele envolveu as patas ao redor de Aretha, abraçando-a apertado.

– Só me diga uma coisa – eu pedi. Engatinhei para fora do colchão e me espreguicei. – Como eu me livro de você para sempre?

– Eu estou aqui para te ajudar – Crenshaw disse.

Ele bocejou. Seus dentes eram como pequenas facas brancas. Ele puxou uma das orelhas aveludadas de Aretha sobre os olhos para bloquear o sol.

– O que você quis dizer com aquela história de contar a verdade? – eu perguntei.

– A verdade é importante para você – Crenshaw disse. – Então é importante para mim. Agora, por favor, deixe eu voltar para o meu sono.

– Você é minha consciência? – eu perguntei.

– Depende. Você quer que eu seja?

Eu abri meu guarda-roupa para o caso de haver um gambá ou um esquilo gigante invisível espreitando lá.

– Não – eu disse. – Estou me virando muito bem sozinho.

– Ah, é? – Crenshaw perguntou. – O que é esse biscoito de cachorro abominável ali no chão?

O cookie. Aretha ainda não tinha comido.

Eu o joguei pela janela. Talvez os esquilos não se importassem em comer algo roubado.

– Lembra quando você roubou o ioiô, aos cinco anos? – Crenshaw perguntou.

– Quando meus pais me pegaram, eu tentei culpar você.

– Todo mundo sempre culpa o amigo imaginário.

– Daí meus pais me obrigaram a devolver e a me desculpar com a loja.

– Acho que você vê aonde isso está chegando. – Outro bocejo. – Agora, se não se incomoda, vou tirar uma sonequinha.

Eu o encarei. Ele fazia eu me sentir confuso e irritado e mais do que um pouco louco. E agora ele estava fazendo eu me sentir culpado. De um jeito ou de outro, eu precisava tirá-lo da minha vida.

– Aliás – eu disse antes de sair do quarto –, você está abraçando um cachorro.

Não vi o que aconteceu em seguida, mas ouvi o sibilo dele e um uivo. Aretha passou correndo por mim em alta velocidade.

Ela se escondeu embaixo da mesa da cozinha por uma hora.

Ver suas coisas numa venda de garagem é uma experiência estranha. É como andar por aí com suas roupas ao contrário. Cueca em cima do jeans, meias em cima dos tênis.

O interior do seu apartamento fica espalhado na frente da sua casa para todo mundo ver e tocar. Desconhecidos pegam o abajur que costumava ficar no seu criado-mudo. Caras suados sentam na cadeira preferida do seu pai. Há pequenas etiquetas coladas em tudo. Cinco dólares pelo seu antigo triciclo que ainda tem brilhos nas rodas. Cinquenta centavos pelo jogo da Candyland.

Era uma manhã de domingo ensolarada. Muitos dos vizinhos também estavam vendendo coisas. Quase parecia uma festa. Minha mãe estava sentada numa mesa de carteado com uma caixinha para guardar dinheiro. Meu pai andava enquanto as pessoas negociavam com ele e diziam: “Que tal dois dólares em vez de três?”.

Quando ficou cansado demais para andar, ele sentou numa cadeira dobrável e tocou algumas músicas no violão e cantou. Às vezes minha mãe harmonizava com ele.

Minha função principal era carregar as coisas até o carro das pessoas e manter um olho em Robin. Ela estava com um carrinho de puxar antigo de alguém, e tinha uma placa de “4 dólares” nele. No carrinho estava a lixeira dela com os coelhos azuis, que meus pais tinham prometido que ela podia guardar.

Não era tão ruim ver as nossas coisas serem vendidas. Eu disse a mim mesmo que cada dólar que ganhávamos era uma coisa boa, e que todas aquelas coisas não eram assim tão importantes. E era gostoso estar com nossos vizinhos e amigos, bebendo limonada e conversando e cantando com meus pais.

Ao meio-dia, a gente tinha vendido quase tudo. Vi minha mãe contar o dinheiro que tínhamos juntado. Ela olhou para o meu pai e balançou a cabeça.

– Nem perto do que a gente precisa – ela disse em voz baixa.

Antes que ele pudesse responder, um homem magro com um rabo de cavalo se

aproximou do meu pai. Ele tirou uma carteira de couro chique do bolso e perguntou se o violão estava à venda. Meus pais trocaram um olhar.

– Pode estar – meu pai respondeu.

– Eu tenho um à venda também – minha mãe acrescentou rápido. – Está no apartamento.

Meu pai ergueu o violão. A luz do sol dançava na madeira cor de mel.

– É uma beleza – ele disse. – Tem muita história.

– Pai – eu gritei –, você não pode vender seu violão!

– Sempre tem outro violão além da curva, Jacks – meu pai respondeu, mas não me olhou nos olhos.

Robin correu até a gente. Ela ainda estava arrastando o carrinho, que ninguém tinha comprado.

– Você não pode vender isso! – ela exclamou. – Tem o nome do Jackson!

– Na verdade – eu disse –, *eu* tenho o nome do violão.

– Não importa! – Os olhos de Robin estavam marejados de lágrimas. – É recordação, temos que guardar. Aqui. Você pode ficar com a minha lixeira de graça, senhor, em vez disso.

Ela enfiou a lixeira na mão do homem magro.

– Eu, hã... – o homem começou. – Eu... é uma lixeira linda, querida. Eu realmente gosto dos... coelhinhos. Mas estou procurando mesmo um violão.

– Sem violões, sem chance – Robin disse.

Meu pai deu de ombros, impotente.

– Desculpe, cara – ele disse. – Você ouviu a menina. Vamos fazer assim. Por que você não me dá seu telefone? Caso a gente mude de ideia. Eu te acompanho até o seu carro.

Juntos, meu pai e o homem andaram na direção de um carro preto moderno. O pé esquerdo do meu pai arrastava um pouco. Às vezes isso acontecia por causa da esclerose.

Eles trocaram anotações em papel, conversaram e acenaram com a cabeça. O homem magro foi embora, e de algum modo eu soube que a mudança de ideia do meu pai já tinha acontecido.

43

Cerca de uma hora depois, o dono do apartamento apareceu. Ele estava segurando um envelope. Abraçou minha mãe e apertou a mão do meu pai e disse que gostaria que as coisas fossem diferentes. Eu sabia o que era aquele papel, porque conseguia ler o que estava escrito.

Dizia: NOTIFICAÇÃO DE DESPEJO. Significava que a gente tinha que sair do apartamento.

Meu pai se apoiou na parede. Não havia mais onde sentar.

– Crianças – ele disse –, parece que a gente vai dar uma volta.

– Visitar a vovó? – perguntou Robin.

– Não exatamente – disse minha mãe.

Ela fechou a porta de um armário com pressa.

Meu pai se ajoelhou na frente de Robin. Ele usou a bengala para se manter firme.

– Temos que nos mudar, querida. Mas vai ser divertido. Você vai ver.

Os olhos de Robin me fuzilaram.

– Você disse que tudo ia ficar bem, Jacks – ela disse. – Você mentiu!

– Eu não menti – eu menti.

– Não é culpa do Jackson, Robin – minha mãe disse. – Não culpe ele. Culpe a gente.

Eu não queria ouvir mais. Corri para o meu quarto. Crenshaw estava deitado na minha cama.

Sentei ao lado dele e, quando enfiei a cabeça em seu pelo, ele não reclamou. Só ronronou alto.

Chorei um pouco, mas não muito. Não ia ajudar em nada.

Uma vez eu li um livro chamado *Por que gatos ronronam e outros mistérios*.

No fim, parece que ninguém sabe com certeza por que os gatos ronronam.

É surpreendente quantas coisas os adultos não sabem.

Às quatro da tarde, Marisol bateu na porta. Ela estava usando chinelos e pijama de florzinhas. Estava com Frank e Beans, os bassês dos Goucher.

– Você esqueceu? – ela perguntou. – Era para me encontrar.

Eu pedi desculpas e peguei a coleira de Frank. Quando começamos a caminhar pela calçada, fiquei surpreso ao ver Crenshaw andando à nossa frente. Não tão surpreso quanto teria ficado um ou dois dias antes. Mesmo assim. Ali estava ele, caminhando sobre as pernas traseiras, dando uma estrela e plantando bananeira de vez em quando.

Eu não sabia como contar para Marisol por que estávamos indo embora. Eu nunca tinha falado para ela sobre os nossos problemas de dinheiro, embora talvez ela tivesse adivinhado, afinal eu nunca oferecia nada para ela comer quando vinha em casa, e talvez tenha notado que minhas roupas eram sempre de um tamanho um pouco menor.

Eu não estava mentindo, exatamente. Só deixava certos fatos de fora e focava em outros.

Eu não queria fazer isso, é claro. Gostava de fatos. E Marisol também. Mas às vezes era difícil demais contar os fatos.

Eu decidi inventar uma história sobre um parente doente e que a gente tinha que cuidar dele, e que tudo aconteceu bem de repente. Mas assim que comecei a falar, Crenshaw se inclinou e sussurrou na minha orelha: – A verdade, Jackson.

Apertei bem os olhos e contei até dez. Lentamente.

Dez segundos pareciam ser suficientes para eu deixar de ser louco.

Abri meus olhos. Marisol estava sorrindo para mim.

E então contei tudo para ela. Contei sobre como eu estava preocupado e como a gente passava fome às vezes e como eu estava com medo do que ia acontecer agora.

A gente foi até o parquinho da escola. Crenshaw foi na frente e deslizou pelo escorregador. Quando chegou lá embaixo, olhou para mim e deu um aceno com a cabeça, aprovando.

E então, não sei por quê, eu contei mais um fato para Marisol.

Contei a ela sobre Crenshaw.

45

Eu esperei ela falar que eu era louco.

– Olha. – Marisol se ajoelhou para afagar Beans atrás da orelha. – A gente não sabe tudo. Eu não sei por que meus irmãos sentem necessidade de arrotar o alfabeto. Eu não sei por que gosto de construir coisas. Eu não sei por que não existem M&M's de arco-íris. Por que você tem que entender tudo, Jackson? Eu gosto de não saber tudo. Assim as coisas ficam mais interessantes.

– A ciência é baseada em fatos. A vida é baseada em fatos. Crenshaw não é um fato. – Eu dei de ombros. – Se você entende como algo acontece, então pode fazer acontecer outra vez. Ou não acontecer.

– Você quer que Crenshaw vá embora?

– Sim – eu respondi, alto. Então, mais baixo: – Não. Não sei.

Ela sorriu.

– Queria poder ver ele também.

– Preto. Branco. Peludo – eu disse. – Extremamente alto.

– O que ele está fazendo agora?

– Flexões com um braço só.

Você está brincando comigo. Eu adoraria ver isso.

Eu suspirei.

– Olha, está tudo bem. Vá em frente e ligue para um psiquiatra. Me interne.

Marisol me deu um soco no ombro. Forte.

– Ai! – eu gritei. – Ei!

– Você tá me irritando – ela disse. – Olha, se eu estivesse preocupada com você, ia te dizer. Sou sua amiga. Mas não acho que você esteja ficando louco.

– Acha normal ter um gato gigante tomando banho de espuma na sua casa?

Marisol torceu os lábios como se tivesse acabado de morder um limão.

– Lembra no segundo ano quando aquele mágico foi na feira da escola?

– Ele era tão ruim.

– Lembra que você foi atrás do palco e descobriu como ele estava fazendo aquele coelho aparecer? E daí você contou pra todo mundo?

Eu sorri.

– Eu descobri rapidinho.

– Mas você acabou com a magia, Jackson. Eu gostava de pensar que aquele coelhinho cinza aparecia na cartola do homem. Gostava de acreditar que era mágica.

– Mas não era. Ele tinha um buraco no chapéu e...

Marisol cobriu as orelhas.

– Eu não me importava! – ela gritou, me dando outro soco. – E ainda não importo!

– Ai – eu disse. – De novo.

– Jackson – Marisol disse – só aproveite a mágica enquanto pode, OK?

Eu não respondi. Caminhamos em silêncio, seguindo nossa rota de sempre. Passamos pelo pequeno parque com a fonte. Pelo caminho de bicicletas que eu havia percorrido um zilhão de vezes, quando eu tinha uma bicicleta. Pelo lugar onde eu tinha quebrado o braço tentando fazer uma manobra.

Pela placa que dizia BEM-VINDO À VILA LAGO DOS CISNES.

– Eu li que os cisnes ficam juntos a vida toda – Marisol disse.

– Normalmente – eu respondi. – Não sempre.

– Nós vamos ser amigos a vida toda – Marisol afirmou.

Ela disse isso como qualquer outro fato da natureza. Como se tivesse dito “A grama é verde”.

– Eu nem sei para onde minha família vai.

– Não importa. Você pode me mandar cartões-postais. Pode mandar e-mails da biblioteca. Vai encontrar um jeito.

Eu chutei uma pedra.

– Estou feliz por ter te contado sobre Crenshaw – eu disse. – Obrigado por não rir.

– Quase posso ver Crenshaw – Marisol disse. – Ele está dando saltos mortais no meu jardim.

– Na verdade, ele está se alongando na sua garagem.

– Eu disse *quase*. – Ela sorriu para mim. – Fato curioso, Jackson: você não pode ver ondas sonoras, mas pode ouvir música.

46

Naquela noite, Crenshaw e eu fomos para o jardim.

Crenshaw gostava da noite.

Ele gostava de como as estrelas levavam tempo para aparecer. Gostava de como a grama liberava o calor do sol. Gostava de como os grilos mudavam sua música.

Mas, acima de tudo, gostava de comer grilos.

Estávamos deitados, eu de costas, Crenshaw de lado, com Aretha por perto mastigando uma bola de tênis. De vez em quando ela olhava para cima, as orelhas erguidas, farejando o ar.

Era bom conversar enquanto a noite caía. Quase me fazia esquecer que íamos embora no dia seguinte. Quase me fazia parar de sentir a tristeza e a raiva que me colocavam para baixo como âncoras invisíveis.

Crenshaw segurou um grilo sob sua pata grande.

Eu disse para ele que na China se acreditava que os grilos davam sorte.

– Na Tailândia eles acham que os grilos são deliciosos – Crenshaw respondeu. Seu rabo girava e serpenteava como um laço num rodeio. – E na gatolândia.

Eu estava mastigando um pedaço de grama. Me ajudava a esquecer da fome.

– Como você sabe disso?

Crenshaw me lançou um olhar.

– Eu sei tudo o que você sabe. É assim que amigos imaginários funcionam.

– Você sabe coisas que eu não sei?

– Bom, eu sei como é ser um amigo imaginário. – Crenshaw bateu numa mariposa com sua outra pata da frente. A mariposa sobrevoou sua cabeça como se o estivesse provocando.

– Eu odeio mariposas – ele disse. – São *posers* de borboletas.

– Não sei o que isso significa.

– Aspirantes a borboletas.

– Se você sabe tudo o que eu sei, como pode saber palavras que eu não sei?

– Faz três anos, Jackson. Um gato pode aprender muita coisa nesse tempo. Eu li o dicionário quatro vezes no mês passado.

Ele tentou pegar a mariposa outra vez e não conseguiu.

– Você era mais rápido antigamente – eu notei.

– Eu era menor. – Crenshaw lambeu a pata.

– Eu ia mesmo perguntar por que você está tão maior. Você não era tão grande quando eu tinha sete anos.

– Você precisa de um amigo maior agora – disse Crenshaw.

Minha mãe passou por nós com uma caixa de roupas para colocar na minivan.

– Jackson? – ela chamou. – Você está bem?

– Hã, hã.

– Pensei ter ouvido você falando com alguém.

Eu olhei para Crenshaw de relance.

– Só falando comigo mesmo. Sabe como é.

Minha mãe sorriu.

– Um ótimo parceiro conversacional.

– Você precisa de ajuda, mãe?

– Não. Não tem muito o que guardar, no fim das contas. Obrigada, querido.

Crenshaw ergueu a pata. O grilo correu para a liberdade. Abaixou a pata. Não o suficiente para matar o pobre inseto, só irritá-lo.

– Você já se sentiu culpado pelo modo como os gatos torturam coisas? Insetos, ratos, moscas? – eu perguntei. – Sei que é instinto e tal. Mas mesmo assim.

– Claro que não. É o que fazemos. É um treino para a caça. Lei da sobrevivência – Ele ergueu a pata e dessa vez o grilo escapou rápido.

– A vida nem sempre é justa, Jackson.

– É – eu disse suspirando. – Eu sei.

– Além disso, foi você que me fez um gato.

– Eu não lembro de decidir isso. Você meio que só... aconteceu.

Aretha soltou sua bola na frente de Crenshaw. Ele a cheirou com desdém.

– Gatos não brincam – Crenshaw disse a ela. – Não foliamos. Não saltitamos. Nós dormimos, matamos e comemos.

Aretha balançou o rabo, ainda esperançosa.

– Tudo bem.

Crenshaw assoprou a bola de tênis. Ela rolou alguns centímetros. Aretha a apanhou com os dentes e a jogou para o ar.

– Isso foi bem brincalhão da sua parte – eu disse. Puxei outro pedaço de grama para mastigar. – Para alguém que não brinca.

– Eu temo que você tenha me criado com um pouco de cachorro no meio. – Crenshaw estremeceu. – Às vezes eu sinto vontade de... rolar em algo fedido. Um gambá morto, talvez, ou um pouco de lixo fresco.

– Os cachorros fazem isso porque...

– Eu sei por quê. Porque eles são idiotas. Também sei que você nunca, nunca vai ver este belo espécime felino descendo a tal nível.

Eu me sentei. A lua estava fina e amarela.

– Eu coloquei mais alguma coisa na mistura?

– Bom, às vezes me preocupo em ter um pouco de peixe em mim. Gosto bastante de água.

Eu pensei em mim mesmo no primeiro ano.

– Eu gostava muito de peixes aos sete anos. Tinha um peixinho dourado chamado George.

– É claro – concordou Crenshaw –, você gostava de muitos animais naquela época. Ratos, peixes-boi, guepardos. Tudo que pudesse imaginar. – Ele gemeu. – Morcegos também. Não é à toa que eu gosto de comer mosquitos.

– Desculpe – eu disse, mas não consegui evitar um sorriso.

– Pelo menos você me criou com animais. Eu tenho um amigo, um cara legal, que foi feito inteiramente de sorvete. Ele odiava o calor.

– Espere. – Eu pensei sobre isso por um momento. – Você está dizendo que conhece *outros* amigos imaginários?

– É claro. Gatos são solitários, mas não somos completamente antissociais. – Ele bocejou. – Conheci a amiga imaginária da Marisol, Opa. E o do seu pai.

– Meu pai tinha um amigo imaginário? – eu exclamei.

– É mais comum do que você imagina, Jackson. – Crenshaw bocejou de novo. – Sinto uma soneca chegando.

– Espere – eu disse. – Antes de dormir, me conte sobre o amigo do meu pai.

Crenshaw fechou os olhos.

– Ele toca violão, eu acho.

– Meu pai?

– Não. O amigo dele. Toca trombone também, se bem me lembro. É um cachorro. Magrelo. Não é grande coisa.

– Qual é o nome dele?

– Começava com F. Um nome incomum. Franco? Fiji? – Crenshaw estalou os dedos. O que não é algo que gatos costumam fazer. – Finian! – ele disse. – É Finian. Um cara legal para um cachorro.

– Finian – eu repeti. – Hum. Onde você fica, Crenshaw, quando não está

comigo?

– Você já viu a sala dos professores, certo?

– Já espiei. A gente não pode entrar lá. Vi um monte de xícaras de café e o senhor Destephano dormindo num sofá.

– Imagine uma sala dos professores gigante. Com várias pessoas esperando e dormindo e contando histórias sobre crianças incríveis e de enlouquecer. É lá que eu fico. É lá que eu espero, caso você precise de mim.

– É só isso que você faz?

– Já é o bastante. Amigos imaginários são como livros. Somos criados, somos desfrutados, somos dobrados e amassados, e então somos guardados até que precisem de nós mais uma vez.

Crenshaw deitou de costas e fechou os olhos. Outro fato sobre gatos que é bom saber: eles só expõem a barriga quando se sentem seguros.

O ronronar de Crenshaw dominou o ar como um cortador de grama.

Eu não consegui dormir naquela noite. Sons ecoavam das paredes do nosso apartamento vazio. Sombras agigantavam-se e diminuía de tamanho. Uma pergunta continuava me incomodando: por que as coisas tinham que ser desse jeito?

“A vida nem sempre é justa”, Crenshaw havia dito. Suas palavras me fizeram lembrar um interessante fato da natureza que a srta. Malone havia nos ensinado no ano passado, no quarto ano. Morcegos, ela disse, dividem comida entre si.

Ela estava falando sobre morcegos-vampiro, aqueles que cortam mamíferos adormecidos na escuridão da noite. Eles não sugam o sangue, na verdade, mas o bebericam, o que já é bem impressionante. Mas a parte mais incrível, a parte “não creio”, é que, quando eles voltam para a caverna, dividem a comida com os morcegos azarados que não encontraram nada para comer. Eles vomitam sangue quente na boca dos morcegos famintos.

Se isso não é o fato da natureza mais legal de todos, não sei o que é.

A srta. Malone explicou que talvez os morcegos sejam altruístas, o que significa que estão dividindo o sangue para ajudar os outros morcegos, mesmo que seja um risco. Segundo ela, alguns cientistas dizem que sim, outros que não.

Os cientistas adoram discordar sobre as coisas.

A srta. Malone olhou para mim nesse momento, porque, apesar de ser apenas a terceira semana de aula, ela já conseguia me entender bem.

– Jackson – ela me chamou –, talvez você possa terminar o debate “Morcegos são caras legais?”.

Eu respondi que provavelmente não, porque queria ser cientista de guepardos ou de peixes-boi ou de cachorros, mas que manteria os morcegos como um plano B.

A srta. Malone falou outra coisa sobre morcegos naquele dia.

Ela disse que às vezes se perguntava se talvez os morcegos não seriam melhores seres humanos do que os seres humanos.

Devo ter finalmente caído no sono, porque acordei de um pesadelo horrível. Eu estava ofegante. Lágrimas escorriam pelo meu rosto. A lua estava envolta em névoa.

Crenshaw colocou uma pata em meu ombro. Gentilmente, ele bateu a cabeça contra a minha.

– Pesadelo? – ele perguntou.

– Eu não me lembro, de verdade. Estava em uma caverna, acho, e estava gritando para alguém me ajudar, mas ninguém me ouvia.

– Eu o ajudarei – disse Crenshaw. – Eu ouvirei você.

Virei para ele. Olhando em seus olhos, eu pude ver a mim mesmo refletido.

– Não posso ir com a minha família – eu disse. Minhas próprias palavras me surpreenderam. – Eu não suportaria morar na minivan de novo. Eu não quero mais ter que me preocupar. Eu estou cansado, Crenshaw.

– Eu sei – ele disse. – Eu sei.

Eu pisquei. A solução era óbvia. Eu tinha que fugir.

Não ia ser uma viagem muito longa. Eu ia perguntar a Marisol se podia ficar com ela. Ela tinha espaço de sobra. Eu podia ajudar a cuidar da casa.

Dei um salto. Crenshaw ficou me olhando, mas não disse uma palavra.

Eu não tinha muito o que guardar. Peguei meu travesseiro, minha sacola de recordações, algumas roupas e minha escova de dentes.

Eu planejei ir para a casa de Marisol antes que minha família acordasse. Marisol acordava cedo. Ela não ia se importar.

Foi difícil encontrar um pedaço de papel e um lápis, mas consegui. Aretha e Crenshaw me viram morder o lápis enquanto eu tentava decidir o que escrever.

– O que eu devo dizer? – perguntei, para mim e ao mesmo tempo para Crenshaw.

– Diga a verdade para a pessoa que mais importa – Crenshaw disse. – Você.

E foi o que eu fiz.

Queridos mãe e pai,

Aqui vão os fatos.

Estou cansado de não saber o que vai acontecer.

Sou grande o bastante para entender as coisas.

Eu odeio viver desse jeito.

Vou morar com Marisol por um tempo.

Quando resolverem as coisas, talvez eu possa me juntar a vocês.

Com amor,

Jackson.

PS: Não esqueçam que Aretha gosta de dormir num travesseiro.

PS2: Robin também precisa saber o que está acontecendo.

Num envelope, pus dez dólares que tinha ganhado por caminhar com os bassês dos Goucher. Do lado de fora escrevi: “Para cobrir dois incidentes infelizes, dos quais eu faço um julgamento muito ruim, por favor, deem sete dólares para a mercearia (por dois potes de papinha de bebê sabor frango e arroz) e três dólares para o pet shop (por um cookie no formato de um gato)”.

49

Toc-toc-to-to-toc.

Era Robin batendo na minha porta.

– Jacks?

Deixei cair o lápis.

– Vai dormir, Robin. É tarde.

– Dá medo no meu quarto.

– Logo vai amanhecer – eu respondi.

– Eu vou esperar aqui na frente da sua porta – Robin disse. – Tenho Spot para me fazer companhia.

Eu olhei para Crenshaw. Ele ergueu as patas.

– Não me pergunte. Crianças humanas são infinitamente mais complicadas que gatos.

– Por favor, volte para a cama, Robin – eu implorei.

– Não me importo em esperar – ela disse.

Eu levantei.

Fui até a porta.

Hesitei.

Abri a porta.

Robin entrou. Ela segurava o travesseiro, Spot, e o livro do Lyle.

Eu olhei para ela.

Olhei para o meu bilhete.

Amassei-o e o joguei fora.

Nós lemos Lyle juntos até ambos cairmos no sono.

50

Quando acordei, Robin, Aretha e Crenshaw estavam deitados no meu colchão. Robin e Aretha babavam um pouco.

Sentados no chão do outro lado do quarto estavam meus pais. Eles usavam roupões de banho. Meu pai tinha meu bilhete amassado aberto no colo.

– Bom dia – minha mãe sussurrou.

Eu não respondi. Eu sequer olhei para ela.

– Fato – meu pai disse, baixinho. – Pais cometem erros.

– Muitos – minha mãe acrescentou.

– Fato – meu pai disse. – Pais tentam não sobrecarregar os filhos com problemas de adultos. Mas às vezes é difícil.

Robin se mexeu, mas não acordou.

– Bom, é difícil ser criança também – eu disse, surpreso com a raiva em minha voz. – É difícil não saber o que está acontecendo.

– Eu sei – meu pai respondeu.

– Eu não quero voltar para aquela época – eu disse, minha voz ficando mais alta a cada palavra. – Eu odiei vocês por fazerem a gente passar por aquilo. Não era justo. As outras crianças não têm que dormir no carro. As outras crianças não passam fome.

Eu sabia que não era verdade. Sabia que muitas crianças tinham uma vida bem pior que a minha. Mas não me importava.

– Por que vocês não podem ser como os outros pais? – eu perguntei. Eu estava chorando muito. Não conseguia respirar. – Por que tem que ser assim?

Minha mãe veio até mim e tentou me abraçar. Eu não deixei.

– Nós sentimos muito, querido – ela sussurrou.

Meu pai fungou. Então limpou a garganta.

Eu olhei para Crenshaw. Ele estava acordado, me olhando com atenção.

Eu inspirei profundamente, tremendo um pouco.

– Eu sei que vocês sentem muito. Mas isso não muda a maneira como as coisas são.

– Você tem razão – disse meu pai.

Ninguém falou por alguns minutos. O único som era o de Crenshaw ronronando suavemente. E só eu podia ouvi-lo.

Lentamente, bem lentamente, comecei a sentir a minha raiva se transformando em algo mais suave.

– Tudo bem – eu disse por fim – Sério. Eu só quero que vocês me contem a verdade de agora em diante. Só isso.

– É justo – meu pai disse.

– Mais que justo – minha mãe concordou.

– Eu estou crescendo – eu disse. – Dou conta disso.

– Bem, então aqui vai outro fato – meu pai disse. – Ontem à noite eu liguei para o cara que queria comprar nossos violões. Ele me disse que o irmão dele tem uma loja de música no shopping e precisa de um assistente de gerente. O irmão dele também tem um apartamento atrás da loja que não vai ser ocupado por um mês. Pode ser um teto sobre nossas cabeças por um tempo, pelo menos. Talvez um emprego.

– Isso é bom, certo? – perguntei.

– É bom – meu pai disse. – Mas não é certeza. O negócio é o seguinte, Jackson. A vida é uma bagunça. Complicada. Seria bom se a vida fosse sempre assim. – Ele desenhrou uma linha imaginária no ar que ia sempre para cima. – Mas a vida é mais assim. – Ele fez uma linha que subia e descia como uma cadeia de montanhas. – A gente tem que continuar tentando.

– Como é aquele provérbio? – perguntou minha mãe. – Caia sete vezes, levante-se oito?

– Lá vem a sabedoria de biscoito da sorte – meu pai disse. – Mas é verdade.

Minha mãe deu tapinhas nas minhas costas.

– Daqui em diante, vamos ser tão honestos com você quanto possível. É isso que você quer?

Eu olhei para Crenshaw. Ele assentiu.

– Sim – eu disse. – É isso que eu quero.

– Certo, então – meu pai concordou. – Fechado.

– Fato – minha mãe disse. – Eu adoraria um café da manhã. Vamos ver o que podemos fazer sobre isso.

51

A loja de música parecia meio caída. Nós esperamos no carro enquanto meus pais foram falar com o dono. Levou um longo tempo. Robin e eu jogamos cerealbol com o boné de beisebol dela e chicletes sem açúcar.

– Você lembra daquelas jujubas roxas? – Robin perguntou.

– As mágicas?

Robin assentiu.

– Talvez elas não fossem tão mágicas.

Eu me sentei mais reto.

– O que você quer dizer?

– Eram da festa de aniversário da Kylie. – Robin puxou seu rabo de cavalo. –

Eu só queria que você pensasse que eram mágicas. Mas não existe mágica, claro.

– Nunca se sabe – eu disse. – Talvez mágicas aconteçam de vez em quando.

– Sério? – Robin perguntou.

– Sério – eu disse.

Quando meus pais saíram da loja, estavam sorrindo. Eles apertaram a mão de um homem, e ele entregou um conjunto de chaves a meu pai.

– Consegui o emprego – meu pai disse. – É meio período, mas, juntando com o resto, deve ajudar. E temos um apartamento. Por um mês, pelo menos. Com sorte, até lá vamos ter outro plano. Realmente queremos manter você e Robin na mesma escola. Vamos fazer o melhor que pudermos, mas não podemos garantir.

– Eu sei – eu disse, e mesmo que isso não fosse resolver todos os nossos problemas, eu me senti um pouco melhor.

O apartamento atrás da loja era pequeno, de um quarto só. Não tinha tv e o carpete era de um bege desbotado.

Mesmo assim. Tinha um teto e uma porta e uma família que precisava dele.

O artigo que eu li sobre amigos imaginários dizia que frequentemente eles aparecem durante épocas de estresse. Dizia que as crianças tendiam a esquecer seus amigos imaginários à medida que ficavam mais maduras.

Mas Crenshaw me contou uma coisa diferente.

Ele disse que amigos imaginários nunca vão embora. Disse que ficam de plantão. Só esperando, caso a gente precise deles.

Eu disse que isso parecia um longo tempo para ficar esperando, e ele disse que não se importava. Era o trabalho dele.

Na primeira noite no nosso novo apartamento, eu dormi numa cadeira na sala. Acordei no meio da noite. Os outros estavam todos dormindo profundamente.

Enquanto ia para o banheiro, fiquei surpreso ao ouvir barulho de água. Bati à porta e, como ninguém respondeu, abri um pouquinho.

Bolhas de sabão estavam flutuando e dançando no ar. Tinha muito vapor. Mas através da névoa eu podia ver Crenshaw no chuveiro, fazendo uma barba com a espuma.

– Você tem jujubas roxas? – ele perguntou.

Antes que eu pudesse responder, senti a mão do meu pai no meu ombro.

– Jackson? Você está bem?

Eu me virei e o abracei com força.

– Amo você – eu disse. – E isso é um fato.

– Eu também amo você – ele sussurrou.

Eu sorri, lembrando da pergunta que vinha querendo fazer.

– Pai – eu perguntei –, você já conheceu alguém chamado Finian?

– Você disse Finian? – ele perguntou com um olhar distante.

Fechei a porta do banheiro, mas antes consegui ver outro relance de Crenshaw. Ele estava de ponta-cabeça, e seu rabo estava coberto de espuma.

Apertei bem os olhos e contei até dez. Lentamente.

Dez segundos pareciam ser suficientes para garantir que ele não fosse embora.

Quando abri os olhos, Crenshaw ainda estava lá.

Tinha que haver uma explicação lógica.

Sempre há uma explicação lógica.

Mas, por ora, eu ia aproveitar a magia enquanto pudesse.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para **opinio@vreditoras.com.br**
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, ago. 2016

FONTE Aparajita 14/16,8pt; Orator Std 36pt